

# NOTAS

## e Transcrições

\* \* Faz-se mais uma vez, a ultima, a declaração de que escrupulosamente se respeita, nesta Revista, a graphia dos originaes, salvo quando se trata de evidente engano.

---

\* \* De materia constante do presente volume, tiveram publicação á parte os notaveis trabalhos dos doutores Florival Seraine e Pe. Misael Gomes.

---

\* \* Por motivo justificado, somente no proximo volume continuaremos a publicar as CIRANDAS INFANTIS, de um dos nossos redactores, o Sr. Martinz de Aguiar.

---

### ASPECTO SUCCESSORIO DA ADOPÇÃO

No trabalho de titulo acima, publicado no numero do anno passado desta Revista e de autoria do Sr. Abner C. L. de Vasconcellos, deixou de figurar, por uma omissão typographica, a parte final, que damos a seguir :

O referido texto de lei não pode, pois, ser entendido de modo a estabelecer uma restricção de capacidade hereditaria, em contrario ao systema preferido pelo legislador. O Codigo Civil não é omisso, porque aí estão os arts. 1.605 e 1.620 alargando as fronteiras da successão.

Que a interpretação extensiva é um dos meios de revelar o alcance das normas jurídicas, di-lo a torrente dos escritores. E é justamente do confronto e da aproximação dos textos que se chega a essa compreensão da lei, através daquelle processo de exegése. (20)

Occorre ainda o argumento do art. 6.º da Intr. do Código Civil, de que a lei que abre excepção a regra geral, ou restringe direitos, só abrange os casos que especifica. Tendo o art. 1.618 vedado a successão do adoptado quanto aos parentes do adoptante, essa excepção não pode soffrer alargamento. Em situação analoga e em segura analyse jurídica, manifestou-se Baptista de Mello, tratando da adopção dos espúrios. (21)

Para a solução da controversia que despertou este rapido estudo, não pode ainda ser trazida a debate a lição pratica da jurisprudencia patria, por não se conhecer nenhuma decisão a respeito. (22)

Parece-me expressar a verdade jurídica a corrente doutrinaria que propugna pelo direito de representação dos descendentes do adoptado na successão do adoptante, em que pezem as valiosas opiniões em contrario. (23)

(20) — Vide Carlos Maximiliano, *Hermeneutica*, ns. 217 e segs.; Bento de Faria, *Applio. e Reiz. da Lei*, n. 19; Paulo de Lacerda, *Man. do Cod. Civil*, vol. 1.º, n.º 245; Eduardo Spindola, *Sistema*, vol. 1.º, pag. 144.

(21) — *Direitos de Bastardia*, pag. 304.

(22) — Em caracter meramente administrativo, quando exerci, em 1932, a Procuradoria Geral do Estado, tive de responder a uma consulta do Contador do Fôro de Fortaleza, a respeito do pagamento de imposto por transmissão de herança em caso de adopção, de avô a neto.

Dionysio Gama, em sua monographia — *Da Adopção*, § 12, menciona a escassa contribuição judicial relativa ao assumpto, mas sem nenhuma referencia quanto ao objectivo ora visado. Pequena jurisprudencia tambem se vê no erudito trabalho de Baptista de Mello — *Op. cit.*, § 84.

(23) — Identico ao pensamento do Ministro Hermenegildo de Barros é o de Carvalho dos Santos — *Cod. Civil Interp.*, vcl. 4.º, pag. 34.

## REGRESSO ?

A Helio Lobo

REGRESSO? Não sei realmente se regresso... Esta é a minha terra, a minha Patria. Na manhã azul e fria, o Tejo esplende de Sol, o céu de Outomno tem a claridade nitida, o lucido e gelido fulgor duma saphira. E Lisbôa, erguida em suas sete colinas, branca e doirada, nas ruas largas, polychroma no riso acolhedor das suas casas, é bem a Lisbôa do mez de novembro, a Lisbôa a quem tanto quero, pela diaphana pureza da sua luz, a Lisbôa do meu trabalho, da minha gente, do meu povo, a minha Lisbôa de sempre, do meu lar e da minha quotidiana labuta. Mas, realmente, regresso—ou chego a uma cidade quasi desconhecida para o meu coração e para o meu espirito ?

Trago, sinto a alma tão cheia do amor e do carinho do Brasil; tão perto dos amigos que deixei; tão enleada ainda no seu affecto incomparavel; tão deslumbrada ainda por tudo quanto vi, observei e, fascinadamente, admirei; tão preso ainda ao sonho que vivi, á esperanza que me acalentou, á certeza da alegria que me tomava a cada passo na fraternal familiaridade com os homens, as paizagens, as palavras, os pensamentos, as emoções, colhidos e resguardados, aprendidos e nunca olvidados, no bem-amado Brasil—que me parece, afinal, não voltar, não regressar á minha Patria.

Antes julgo que a perdi, e que desembarco numa praia estranha, num paiz estranho, onde por acaso encontro as pessoas de familia, e alguns velhos companheiros, cuja presença melhor comprehenderia sob a radiosa benção do firmamento brasileiro. A minha visão surprehende-se a procurar a vasta e quente alvura dos litoraes da Guanabara, a elegancia varonil dos arranha-céos, a verdura álacre da Tijuca, os morros mergulhados na altura dos astros, e, sobretudo, as physionomias risonhas e hospitaleiras, abertas e francas, vibrantes de bondade, resumantes de humanidade profunda, que me habituára a contemplar.

Lisbôa, Lisbôa cheirosa a flores e a oceano—per-

doa-me se não corro para ti num appello de saudade! Não desprezo, não esqueci o teu encanto. Outro encanto, porém, maior de que o teu, domina o meu sentimento, avassala a minha intelligencia, occulta e apaga o sortilegio que possues. Venho enfeitado, embruxado pela ampla doçura de horizontes que estão longe do meu olhar. Mas presentes, palpitan-tes, perennemente fulgurantes, constantemente gorgearantes de canticos - de hymnos, de energias moças, de victorias juvenis, de triumphos jubilosos, — no intimo sagrado de todo o meu sêr. Gosto de ti, sem duvida, berço de epopéa e ninho de lyrismo. No entanto, não te pertenço mais. O Atlantico me levou ao arroubado, e vasto, e trepidante, e vehemente porto do Futuro. Como não ouviria o seu chamamento de fé e de anseio constructivos, e o ritmo da sua abalada — seguro e invencível, harmonioso e forte, — como não extasiariam e senhoreariam elles um poeta sofrego da grandeza da acção e das moças e edificadoras virtudes do pensamento, da arte, do trabalho, das verdades que vão nascer, das nobres chimeras que são as verdades de amanhã?

Regresso? Não, não regresso! Porventura, é aqui o meu derradeiro lugar de esforço ou de repouso. Mas, ou me reparto irmãmente entre duas Patrias amigas, ou, então, a Patria da minha suprema ternura eu a abandonei agora. E o meu regresso, o meu authentico regresso será quando — impetuosa e irreprimivel aspiração! — tornado ao regaço abrigante da terra e da grei do Brasil, meu desejo e meu amor, minha eterna, minha ineffavel, minha predilecta e venturosa morada...

Lisbôa, 17 de novembro, 1936.

JOÃO DE BARROS

(Da «Noite», do Rio, n. 8.915.)

---

O NORDESTE — Julio Paternostro

A biologia é, sem duvida, a ciencia que mais conforta o homem, quando êle faz a sua auto-analise

ou a análise dos outros. Nada melhor, diante das tragédias biológicas e sociais que a gente assiste, com essa mistura de tristeza e revolta que nós, brasileiros, temos, quando vemos uma grande massa de homens no último grau de miséria orgânica, do que lembrar-se que os seus filhos ainda poderão ser de outra constituição mais forte, graças à não transmissão hereditária das aquisições físicas dos pais.

E' o unico conforto que sentimos ao depararmos o panorama físico e social do Nordeste atual. Felizmente, de alguns anos para cá, os nossos fotografos, embora pouquíssimos, começaram a tirar fotografias reais do nosso meio, alijando para sempre os pintores fantasistas que nestes quatro seculos de vida brasileira iniciaram os seus painéis deformados, com Vaz Caminha. E' lastimavel ainda que esses literatos que descrevem o tipo sertanejo, copiando os heróis lendarios da Grecia, tenham os seus aleijões expostos nas livrarias. Pois se ha mentira grande, é essa que se usa nos nossos romances sertanistas, descrevendo a beleza, o valor físico e pujança psicológica do sertanejo.

Sertanejo é, antes de tudo, um forte, marias bonitas e etc., é muito bonito mesmo, mas é «blague» e hoje todo mundo está cansado de «blague», na época em que todos estão querendo, ou não, encontrar a realidade. Não trazendo o homem, quando nasce, as vantagens ou desvantagens sociais adquiridas pelos seus ascendentes na sua vida, nascendo hoje o seu cerebro nú, como um dos Cro-Magnon ou como de um seu descendente futuro, é natural e muito claro que nada se pode dizer de alguém sem primeiro conhecer o seu «habitat» e a sociedade em que vive. A situação faz o processo mental, como os gametos sexuais fazem o organismo humano. Dessa maneira sempre encontraremos a nossa equação resolvida.

Da mesma maneira que Chase fotografa a criança norte-americana nascida entre uma floresta de maquinas, que tem nos seus gestos a elasticidade de uma roldana bem azeitada e a largueza nas suas expressões de uma polia, de Pinkevich, que descreve as reações mentais da criança russa cri-

ada no novo regime da sua terra, retrata-se o habitante da gleba seca e granítica do Nordeste brasileiro, em que espocam o chique-chique, o mandacará, o facheiro, a macambira, cortados pelos pulos dos cabritos e dos bodes.

O homem que está com fome não pôde fazer nada—esquece-se até do seu nome. O homem que se alimenta mal nunca poderá ter vigor, nem beleza. A tendencia atual dos eugenistas é estudar primeiro a alimentação de que êle se serve, para depois classificar a raça. E está certo. Primeiro a agua. Os mucambos, encostados nas cêrcas de aveloz, vêem sete, oito meses do ano sumirem-se os rios que lhe passam perto, transformando-se em estradas cheias de pedras, debaixo do sol causticante, que queima tudo. Ficam os açudes de agua barrenta e pegajosa, longe, nas distancias interminaveis que os molambos de carne dos homens e mulheres e as crianças em que a gente só vê a barriga enorme, vão baldear com custo. Com imunização paulatina eles se salvam do tifo, no correr dos anos, mas de vez em quando a mortandade se eleva, arrasando as crianças da primeira e segunda infancia, que morrem de caimbra de sangue, que todos acham fazer parte do programa da vida...

Assim as gerações se acostumam a não ter agua. A macacheira resiste bem no terreno de argila, surgindo as casas de farinha, que se sucedem entre cincoenta e cincoenta mocambos, em que as meninas, os melinos, as mulheres, as velhas e os velhos envernizam todo dia a roda e o ralo, com as suas mãos sujas, iguais ao corpo esgrouvinhado. Ou empilham as pedras, fazendo cêrcas iguais ás fortalezas, cuidando da palma—a unica planta que lhe vai garantir a vida da rês e das cabras. E nada mais. A estatica do panorama topografico se iguala ao panorama do habitante do sertão nordestino. A terra enxuta, arenosa, succede-se em planaltos marchetados de pedra, e o homem, seco, mastiga a farinha e a carne do bóde, com o dorso nú, acobreado, parado como o mandacará, que fica eternamente com os braços abertos para o céu.

A biotipologia, ora é característica do amarelo, ora se modifica nos tipos longilineos com olhos azues, fazendo a gente se voltar para o passado colonial, afim de descobrir alguma relação... Foram os portugueses que invadiram o sertão, os holandeses ficaram com suas igrejas perto do mar...

Às vezes, em Pernambuco, ao lado de Aguas Belas, Cabrobó, Moxotó, deparam-se construções heroicas no meio dos mocambos; sente-se a mão energica que as edificou; chega-se perto e encontra-se o resto desses constructores dos dois primeiros seculos—o mesmo homem do mocambo atual, parado.

As estradas desertas movimentam-se um pouco aos domingos. A reprodução medieval das feiras é berrante. Todos sabem a do domingo a feira melhor, nas vilas circunstantes, e se dirigem a elas. O espectáculo é sempre retrospectivo do feudalismo. Nos taboleiros se estende a carne de sol, o queijo do sertão, as bananas sem gosto, as quartinhas, as jarras, cocos, jerimum, farinha, vassouras, artefactos de madeira, chita, redes, frangos, chapéus de ouricuri e palmas empilhadas em molhos, para se cobrirem casas. Fechando o circulo da praça, burros e jericos descansam, com os cassuás vazios, enquanto os homens e as mulheres falam alto trocando as mercadorias entre si ou por dinheiro, em que circula ainda a pataca do Imperio. E girando em torno deles, os cegos e os guias com as cuias estendidas vão soltando improvisos na toada sempre igual da viola para os que se lembram deles, em que soltam ás vezes o nome de Lampeão—rei do sertão, do «padinho» Cicero, «que foi fazer viagem», e a palavra «comunismo»... A lembrança do Padrinho Padre Cicero foi avivada agora com a sua morte, pelo brim preto, que todo o mundo usa, de luto fechado. Até duas, três horas da tarde, com o sol a rachar, aquela gente se move na areia do largo das vilas, em que a Igreja, igual em todas elas, fica com as portas abertas; á tardinha, as estradas engolem os homens montados nos cassuás, tangendo os burros, para novamente os trazerem na semana proxima. E a noite escura recolhe as mesmas cantigas moles,

como cantochões de frades, que as goelas cheias de cuspo soltam no ar...

E nas brenhas daquela vegetação monotonamente e ressequida, bem igual a ela, a população sertaneja, sem poder ser forte, nem bonita, vai «vivendo», sem se poder exigir que faça alguma coisa além de ficar parada... E, conforme os dados estatísticos colhidos em zonas conhecidas, essa população representa um milhão e meio de habitantes...

A verdade, portanto, é que o homem do sertão nordestino não pôde merecer nenhum elogio á qualidade, porque nenhum individuo pôde possuir qualidades eficientes num lugar onde quasi não ha alimento, como verdade tambem é não caber culpa ao sertanejo haver chegado á mais completa miséria organica. As gerações se sucedem sem ter iniciativa de trabalho; os filhos copiam os pais; estes copiaram os avós... E qualquer tentativa no sentido de modificar-lhes os habitos a natureza arrasa ainda no nascedouro. Viciado na resignação—o nordestino, geração em geração, nasce, vive e acaba sempre assim...

Quadro diferente, porém, nos apresenta o imigrante sertanejo, se transplantado para terras ferteis, que têm agua.

Em Pernambuco mesmo observa-se a sua melhoria nas zonas de usinas de açucar, embora com o resumidissimo salario de 1\$400 a 3\$000 diarios. Seu aspecto fisico já é outro; dedica-se ao trabalho com vontade e aí, nas fazendas de café, a percentagem dos colonos do Nordeste ascende a 30 e 50 %; transformados, bem diferentes do que o eram no torrão natal, embora encurralados em baixo nivel economico, em que são obrigados a viver, já é bem notavel a modificação dos colonos nordestinos.

Quem acompanha o homem nos varios meios em que êle vive assiste a verdadeiras magias, maiores ainda quando se pôde observá-las através das gerações.

Essa massa de gente que vive no Nordeste jamais poderá ser beneficiada somente com os socorros que lhe emprestam «As obras contra a sêca» e trabalho nas construções de estradas—gota dagua

no oceano, que em nada lhe altera o viver miseravel.

As estradas bem construidas que se encontram no sertão dos Estados nordestinos são como certas salas de visitas que muita gente tem em casa, trancadas para não se usar...

A extraordinaria miseria em que se encontra essa população será ainda um problema insolúvel com as medidas até agora tomadas: ou se encara imediatamente esse problema de maneira radical—migração, imigração, etc., ou então, hoje, como amanhã, continuarão os brasileiros a assistir o mesmo panorama entristecedor do Nordeste atual...

E as crianças que no momento nascem lá não pertencem a nenhuma época; serão eternamente iguais aos seus ascendentes e, como a tendencia humana é sempre se tornar mais decente, mais cultivada, mais social—é essa tendencia natural a unica esperança que nos anima no futuro, ao visarmos o Nordeste brasileiro...

(«Jornal do Brasil», Rio, 23-XI-1934.)

---

## O NORDESTE — José Luís de Castro

Circula no mundo uma inveja velocipede que vive de intriguinhas: chama-se maledicencia. Diz estouvadamente o mal de que não tem certeza, e occulta o bem de que tem evidencia. — RIVAROL.

O artigo que o sr. Julio Paternostro publicou no «Jornal do Brasil», de 23 de Novembro, sob o titulo acima, lembrou-me o ultimo livro de Rodolpho Theophilo — «O Reino de Kiato». O escriptor cearense distinguia-se pela imaginação prodigiosa, a qual culminou nessa obra realmente interessante. Kiato era uma terra que não figurava no mappa-mundi, terra excepcional, onde tudo aberrava do natural, onde tudo era perfeito, onde os homens mediam mais de dois metros de altura e as mulheres—singulares mulheres que desprezavam a moda e o luxo pelos principios de hygiene e de moral,—eram as mais bellas do mundo. Em asseio, os kiatenses dei-

xavam a perder de vista os holandeses, de quem Ramalho Ortigão celebrou o culto da limpeza. A syphilis tinha desaparecido do reino havia quarenta annos e após esse tempo só se verificara ali um nati-morto, facto positivo como prova da sanidade da população. Lei sêcca rigorosa e pena de morte aos infractores. Igual proscricção do fumo; quem tentasse plantá-lo seria expulso de Kiato. Fazia vinte annos que se tinham fechado as penitenciarias, por não haver no reino crimes e nem criminosos. Vegetação enorme. Uma simples roseira deixava de bocca aberta o dr. John King Paterson (principal personagem do livro), devido ao seu porte asselvajado e ao perfume das flores. Agricultura e industria em correlato adeantamento e perfeição. Veterinaria modelo em resultado da super-higiene tambem rigorosa para os animaes. A mosca, o mosquito, o carrapato, a pulga, o gafanhoto, o percevejo eram entidades desconhecidas das ultimas gerações dos kiatenses. Os germens pathogenicos tinham-se tornado inoffensivos ante a resistencia dos phagocytos ultra-sadios. Naquella grande terra, a gente não morria: acabava-se, mas só depois dos 100 annos, quando já não valia a pena viver com os percalços da senilidade.

Tal, em resumo, o «Reino de Kiato». O autor chamou-lhe *O país da verdade*, mas o que elle é realmente é uma descabelada mentira. Não o digo em agravo do romancista, merecedor, sem duvida, de todo o meu respeito. «Peço que me acreditem,—escrevia Camillo no prefacio dos «Mysterios de Lisbôa»,—os romances são uma enfiada de mentiras, desde a famosa «Astrêa», de Urfê, até ao choramingas «Jocelyn», de Lamartine.»

De sorte que a mentira, quintessencia da phantasia, outrora vilipendio, é hoje attributo e relêvo dos mais fecundos romancistas.

O sr. Julio Paternostro, escriptor, idealista, de requintada imaginação, descreveu-nos um Nordeste phantastico, tão verdadeiro quanto o «Reino de Kiato», de Rodolpho Theophilo, ou o «Choque das Raças», de Monteiro Lobato, com excepção, porém, de que os dois romancistas adoptaram um enredo que se desenvolve no seculo dois mil, e o articulista retrocede a

epoca anterior ao descobrimento, quando o selvagem retardatario mal completava a evolução, tornando-se-lhe menos espessas as sobrancelhas e caindo-lhe os duros pêllos do thorax e das costas.

Terra que não figura no mappa-mundi, o Nordeste sempre foi caipora. Não é só a sêcca que o atormenta; atormenta-o tambem, com irritante pertinacia, a litteratura leiga. Em geral, quem sente a difficuldade de um assumpto desaperta com a sêcca, thema sobre que ainda ninguem corou de dizer e escrever falsidades e tolices. Já houve quem pretendesse que o problema da sêcca podia ser resolvido com a plantação de abacateiros. Quem suggerisse a construcção de alambiques para distilar-se a agua do mar. Quem aventasse a idéa de um bombardeio cerrado ás nuvens para lhes rasgar o seio e fazê-las despejar sobre a terra resequida a agua que ellas levam até aos Andes. Quem propusesse a construcção de muros enormes, destinados a conter os ventos rebeldes e vagabundos. Tambem se manifestam sociologos improvisados, que desprezam a solução intrinseca do problema e lembram medidas de salvação eventual da população nordestina. Dahi, a construcção de linhas ferreas inter-estaduaes, para o transporte dos habitantes do Nordeste, nas epocas de calamidade, para Estados não sujeitos ás sêccas. Essas mesmas linhas trariam de volta aquelle povo, logo que passasse o flagello. Em vez dessas idas e vindas, propunham outros o despovoamento em massa e definitivo do Nordeste. Finalmente, surge uma solução mais facil e mais barata do que todas as outras: a construcção de algibes. Esta não tem sequer originalidade, pois ha muito os moradores de Campina Grande adoptam o uso de cisternas como accessorio das habitações. Os predios que não dispõem desse complemento soffrem uma depreciação de 50 % do valor locativo e venal. Existe mesmo, naquella cidade parahybana, uma fabrica de tecidos e beneficiamento de algodão, pertencente a Lafayette, Lucena & Cia., montada sobre um tanque de concreto armado, que a abastece.

Com a construcção de cisternas, não pretendeu, porém, a gente de Campina Grande resolver o pro-

blema da sêcca, pois nunca por esse systema poderiam irrigar-se plantações de milho, feijão, mandioca, macacheira, batata, algodão e muito menos forragens para milhares de animaes.

Os que têm a idéa cerebrina de resolver a sêcca por esse meio commodo ignoram por completo a finalidade dos açudes. Causa arrepios pensar-se que ainda ha no Brasil quem julgue que a funcção dos reservatorios é conservar agua para beber-se! Mas tanto assim é, que um dos partidarios do algibe (aliás eminente homem publico) condemna os açudes exactamente porque as suas aguas se polluem, tornando-se por consequencia impotaveis.

E' digno de nota que, havendo uma solução tão simples para problema tão complicado, passasse ella despercebida a tantos especialistas que ha mais de um seculo se preocupam com a sêcca e procuram livrar o Nordeste desse monstro que só ainda o não venceu devido á resistencia formidavel dos seus filhos. Porém muito mais extraordinario é que o providencial algibe tenha sido esquecido até hoje de estadistas e technicos estrangeiros de notavel capacidade, como os norte-americanos e os ingleses, que têm gasto fabulosas quantias com obras de açudagem e irrigação, transformando desertos em oasis, terras aridas e estereis em vales populosos e intensamente productores, verdadeiras fontes de riqueza nacional. Neste momento, os primeiros constroem o «Hoover», e os segundos acabam de inaugurar o «Convery-Mettur», na provincia de Madras, India, com 70 milhas de canaes principaes e 600 milhas de outros distribuidores, para irrigação de 120.000 hectares de terras.

Entretanto, o sr. Paternostro afasta-se um pouco do programma classico; não procura resolver o problema da sêcca, talvez porque a terra e o homem do Nordeste, por elle considerados tão ruins, lhe não merecem esse trabalho. Aborda questão mais transcendente, mais decisiva—a condemnação do Nordeste e dos seus habitantes, com os quaes é, portanto, perder tempo, actividade e dinheiro tudo que se tenta fazer pela sua redempção. E' a apostrophe de Job que elle nos lança como solução ra-

dical de todas as desgraças que pesam sobre os Estados flagellados: *amaldiçôa o teu Deus e morre.*

Sendo o escripto do sr. Julio Paternostro me-ro producto de imaginação extravagante, eu poderia excusar-me de examiná-lo e, com mais razão, de refutá-lo, imitando assim a attitude de indiferença e desprezo de tantos nordestinos illustres residentes no Rio. Quero, porém, demonstrar o que afirmo quanto á inveracidade de tudo, sem excepção, quanto disse o publicista do Nordeste e da sua gente, uma vez que elle não teve a lealdade de declarar a qualidade de phantasia ultra-passadista do seu artigo e, pelo contrario, calando-o, pretendeu dar-lhe apparencia de verdade.

Segundo o sr. Paternostro, as gerações de nordestinos se succedem na mais completa miseria organica, sem que nenhum individuo possua qualidades efficientes. Taes gerações estratificam-se, sem terem iniciativa de trabalho, e quaesquer esforços, no sentido de modificar-lhes os habitos a natureza os ar-rasa no nascedouro. E' este o quadro sombrio e rude do sertanejo nordestino que o sr. Paternostro nos apresenta.

Felizmente, as suas asserções apoiam-se em argumentação insegura e em observações pessimamente colhidas. A observação acurada e real do typo anthropologico das caatingas do Nordeste conduz-nos a resultados muito diversos.

Da contextura da exposição é possível deduzir-se que o publicista desconhece em absoluto a zona de que se occupou; se a visitou alguma vez, foi sem a preocupação de auscultar a sua íntima natureza, vendo menos a gente do que as apparencias grosseiras do facies cosmico de certa região, provavelmente em tempo de calamidade climica. De outro modo não se póde explicar a exposição de tantos factos em conflicto berrante com as circumstancias geophysicas e sociaes destas paragens.

Relativamente á flora das caatingas, sabe apenas que é *monotona e resequida*. Refere-se á palma (opúntia?)—«uma planta que lhe vae garantir (ao homem) a vida da rês e das cabras». Refere-se ainda ao «mandacarú», que fica eternamente com os braços

abertos para o céu. Finalmente, no que diz respeito á lavoura, apenas viu como planta cultivada a macacheira que, no seu entender, mau grado tratar-se de uma tuberosa, «resiste bem no terreno de argila».

Ora, isto é muito pouco. Nem mesmo nas mais rigorosas sêccas, depois de 19 meses de verão causticante, a vegetação sertaneja é assim tão absolutamente monotoná. Na caatinga mais rude, agreste e árida, que medra no terreno eluvial, pontilhando a massa resequida, despertam vivamente a atenção as copas bellamente virentes dos juazeiros, dos jucázeiros, dos feijões bravos, senão dos imbuzeiros, das carnahubeiras e de outras arvores que nunca perdem a folhagem.

Não é na praia nem nos brejos que o Nordeste produz algodão. O cultivo desta rica malvacea faz-se no sertão; é de lá que a fibra preciosa vem abarrota os armazens de Recife, de Natal, de Mossoró, de Campina Grande, de João Pessôa e de Fortaleza, por vezes em tão grande quantidade, que não bastam as estradas de ferro com milhares de vagões e os milhares de auto-caminhões que percorrem essas «estradas (de rodagem) bem construídas que se encontram no sertão dos Estados nordestinos» e que não são, como erroneamente pensa o sr. Julio Paternostro, semelhantes a «certas salas de visitas, que muita gente tem em casa, trancadas para não se usar». Se S. senhoria quisesse agora mesmo vir ao Nordeste, veria atordoado o êrro monstruoso que commetteu, no espectáculo febril do transporte da ultima safra dos centros productores, no coração do sertão, para as cidades commerciaes do litoral. No Ceará, clama-se angustiadamente contra a deficiência da Rede de Viação Cearense, incapaz de dar vazão á metade da producção da zona a que serve. Por isto, as estradas de rodagem, as carroçaveis e vielas são activamente trafegadas por comboios de caminhões cheios de mercadorias. Em Fortaleza, é facil verificar-se diariamente a chegada frequente de longas filas desses vehiculos, que descarregam fardos de algodão, saccos de milho e de feijão, de cêra de carnhuha, de mamona, fardos de couros e de pelles, etc.

As estradas de rodagem sertanejas, que não são tantas quantas julga o sr. Paternostro, revelaram-se este anno absolutamente deficientes. Precisamos construir mais, muito mais.

Para que se tenha uma idéa concreta da situação, basta que se preste atenção aos quadros de exportação de algodão e milho produzidos nos Estados nordestinos. Infelizmente, não posso agora entrar em detalhes, porém direi que a safra de algodão deste anno certamente excederá a 70 milhões de kilogrammos, valendo mais de 200 mil contos de réis. Também me não posso furtar ao desejo de referir que os nossos sertões produzem milho mais algumas vezes do que os fertes e verdes campos de muitos Estados extra-nordestinos. Somente o Ceará, em 1924, produziu 48 milhões de kilogrammos de milho; em 1925 produziu 50 milhões e no anno seguinte 52 milhões.

Além de algodão e milho, os Estados nordestinos exportam varios outros productos da actividade agricola, como fumo, farinha e polvilho de mandioca, mamona, feijão, arroz, café, etc., todos em geral oriundos dos sertões, de onde também sahe tudo quanto figura no ramo de exportação dos productos de origem animal. Para dar também uma pallida idéa da producção pecuaria, notarei que só o Ceará exportou em 1927, entre pelles e couros, 8.683 contos de réis, e em 1928, 12.014 contos.

Todo esse intenso commercio desce dos sertões pelas estradas de rodagem, parte até as estações da estrada de ferro, e o restante (a maior parte) até esta capital, em caminhões e em pequenas tropas de jumentos. Tudo, porém, pelas estradas que, como se vê, nenhuma parecença têm com as taes «salas trancadas».

Os dados officiaes abaixo, colhidos nos postos de observação da Inspectoria de Sêccas, contêm o numero exacto de vehiculos que trafegaram na estrada de rodagem Russas-Fortaleza, trecho da Transnordestina, e Fortaleza-Sobral, trecho da rodovia Fortaleza-Theresina, nos meses de Outubro e Novembro p. findos :

## POSTO Klm. 0

## FORTALEZA — RUSSAS

	Automo- veis	Auto-om- nibus	Cami- nhões	Total	Total Geral
Outubro . . . . .	1.406	545	1.678	3.629	
Média diaria . . . . .	45,3	17,5	54,1	117,0	
Novembro . . . . .	1.218	582	1.779	3.579	
Média diaria . . . . .	40,6	19,4	59,3	119,3	
POSTO Klm. 49					
Outubro . . . . .	117	16	578	711	
Média diaria . . . . .	4,0	1,2	18,6	22,9	
Novembro . . . . .	99	23	687	809	
Média diaria . . . . .	3,3	0,7	22,9	26,9	
POSTO Klm. 0					
Russas — Fortaleza					
Outubro . . . . .	1.232	552	1.844	3.628	7.257
Média diaria . . . . .	39,7	17,8	27,2	117,0	234,0
Novembro . . . . .	1.145	571	1.865	3.581	7.160
Média diaria . . . . .	38,1	19,0	62,1	119,3	238,6
POSTO Klm. 49					
Outubro . . . . .	97	15	605	717	1.428
Média diaria . . . . .	3,3	1,3	19,5	23,1	46,0
Novembro . . . . .	86	18	608	762	1.521
Média diaria . . . . .	2,8	0,6	20,2	23,7	50,7
POSTO Klm. 163					
Russas — Crystaes					
Outubro . . . . .	95	17	418	530	
Média diaria . . . . .	3,1	1,4	13,4	17,0	
Novembro . . . . .	61	14	383	458	
Média diaria . . . . .	2,03	0,46	12,76	15,25	
POSTO Klm. 92					
Crystaes — Russas					
Outubro . . . . .	69	21	397	487	1.003
Média diaria . . . . .	2,3	1,5	12,8	15,7	32,3
Novembro . . . . .	61	20	458	539	997
Média diaria . . . . .	2,03	0,67	15,25	17,95	32,20

	Automo- veis	Auto-om- nibus	Cami- nhões	Total	Total Geral
POSTO Klm. 0		Fortaleza - Sobral			
Outubro . . . . .	700	303	1.463	2.466	
Média diaria . . . . .	22,5	9,7	47,1	79,5	
Novembro . . . . .	981	294	1.899	3.174	
Média diaria . . . . .	32,7	9,8	63,3	105,8	
POSTO Klm. 117					
Outubro . . . . .	105	47	474	626	
Média diaria . . . . .	3,3	1,8	15,2	20,1	
Novembro . . . . .	97	54	509	660	
Média diaria . . . . .	3,2	1,9	16,9	22,0	
POSTO Klm. 0		Sobral - Fortaleza			
Outubro . . . . .	629	282	1.346	2.257	4.723
Média diaria . . . . .	20,2	9,0	43,4	72,8	152,0
Novembro . . . . .	946	273	1.882	3.101	6.275
Média diaria . . . . .	31,5	9,2	62,7	103,3	209,1
POSTO Klm. 117					
Outubro . . . . .	99	47	491	637	1.263
Média diaria . . . . .	3,3	1,8	15,8	20,5	40,7
Novembro . . . . .	89	52	542	683	1.343
Média diaria . . . . .	2,9	1,9	18,0	22,7	44,7

Passo a vista sobre os mappas officiaes dos postos acima referidos e verifico que os vehiculos constantes do quadro supra transportaram do interior do Estado para a capital o seguinte: passageiros, cereaes, algodão, couros, pelles, cêra de carnahuba, canna, castanhas de cajú, materiaes de construcção, lenha, frutas, materiaes diversos, etc. A castanha é uma industria nova do Nordeste. Este anno, está sendo vendida, com a casca, ao preço de 400\$000 por tonelada; em S. Paulo, a castanha importada do Ceará é vendida, já descascada, a 13\$000 por kilo.

As estradas de rodagem do Nordeste têm tido, porém, outra função económica e social. É notável a influencia benéfica que ellas exercem sobre todos os lugares comprehendidos no seu traçado.

Conquanto muito nova a estrada de Fortaleza a Sobral, a que me refiro acima, já se póde apontar um exemplo frisante dos seus magníficos effeitos. Por uma noticia dessa rodovia, escripta pelo engenheiro Lauro Andrade e publicada no numero de Maio p. passado do Boletim da Inspectoria de Sêccas, vê-se que as rendas do municipio de S. Francisco da Uruburetama (Ceará), cortado por aquelle trecho rodoviario, tiveram em 1931 um augmento de 46% sobre as de 1930, e em 1932, não obstante a sêcca, o de 65% sobre as de 1931. Não foi possível conseguir-se dados para comprovar-se a progressão das mesmas rendas em 1933, relativamente ás do anno anterior; mas já em 1934, muito antes de expirado o exercicio, o augmento era de 125% sobre 1932 e de 548% sobre 1930, primeiro anno da comparação.

Convem notar que S. Francisco era um municipio em franco declinio, tanto assim que, na reforma sancionada pelo decreto estadual n. 193, de 20 de Maio de 1931, fôra extinto e annexado ao de S. João da Uruburetama (Arraial), por não ter renda padrão para municipio. Já pela nova divisão municipal decretada este anno, foi, porém, restaurado, evoluindo da decadencia em que se achava á prosperidade que se traduz no augmento cada vez maior das suas rendas.

Na opiação do sr. Paternostro, o sertanejo não come, «mastiga» somente a farinha e a carne de bode. É verdade que elle proprio se contradiz ao informar que nas «feiras» da região, ao lado da carne sêcca, se encontram queijo do *sertão*, banana «sem gosto», jerimum, frangos.

Daquella misera alimentação, conclue o articulista que o povo é *fraco*, porque não póde ser forte nem ter vigor quem se alimenta mal. No sertão—continúa o sr. Paternostro,—falta a agua, os rios sêccam durante 7 e 8 meses, quando «se transformam em estradas cheias de pedras, debaixo do sol causticante que queima tudo». Não sabe que esses rios sêccos têm abundantes lençoes d'agua subterranea que per-

mitte grandes e bellissimas culturas de feijão, mandioca, macacheira, batata doce, etc., feitas nas areias do leito nú. Agora é tempo de observar-se essa original lavoura, cujo rendimento é consideravel e proporciona aos sertanejos farta e sadia alimentação durante quasi todo o verão. Pelo inverno, isto é, na estação das chuvas, de Março em diante, o sertanejo dispõe de copiosa e excellente alimentação, producto dos seus roçados, das suas criações então nedias e da pesca dos rios, das lagôas e dos açudes. Não lhe faltam milho verde, feijão, arroz, ovos, farinha, carne, leite, manteiga (de garrafa) (1), batata doce, macacheira, melancia, queijo, etc. No verão, a alimentação torna-se menos variada; entretanto, ainda durante muitos meses é abundante e consta de farinha, rapadura, feijão, peixe fresco ou sêcco, carne (aos domingos e dias santos), leite e queijo de cabra, jerimum, pão de milho (cuscús), batata, melão, etc.

E' êrro suppor-se que o sertanejo, nos tempos normaes, é um jejuador forçado ou que apenas «mastiga» farinha e carne de bode. Nessa época de carne cozida com pirão escaldado e verduras, elle come. Come como um alemão epicurista,—diz o dr. Thomaz Pompeu Sobrinho, profundo conhecedor do sertão nordestino e dos costumes da sua gente.

O articulista do «Jornal do Brasil» leu em alguma anthologia a «Fome do Ceará», de G. Junqueira, e illustrou-se, imaginando logo aquella fome contínua e o consequente rachitismo dos tipos liliputianos que habitam o Nordeste.

A miseria e a fome, que tanto impressionaram o sr. Paternostro, occorrem, porém, com character agudo, somente por occasião das sêccas calamitosas, uma vez em dez annos aproximadamente. Mas os que não perecem nessas crises logo se refazem ás.

---

(1)—Actualmente, ha em Quixeramobim (Ceará) uma fabrica de manteiga em lata, denominada «Nordestina», do sr. I. Chose, que funcçãoou durante todo o anno passado, no inverno e no verão, concorrendo para o consumo do Estado e ainda para a exportação. Está em franca prosperidade. Essa manteiga, quanto á qualidade, nada fica a dever ás melhores de Minas.

primicias da safra immediata. Engordam rapidamente e tornam-se fortes como de costume.

Realmente, o sertanejo é normalmente um forte que se não pôde comparar com esses verminados jecas-tatús de certos Estados que gozam de elevada e permanente pluviosidade.

A principal industria do sertanejo é a criação de gado bovino; e, para ser vaqueiro, á moda do nordestino, cumpre ser vigoroso. Para desbravar as matas amazonicas, colonizar toda a parte brasileira da bacia do rio-mar, *amansar a seringa*, cercado de mil perigos de que o menor era o indio reaccionario, para conquistar o ACRE e resistir ás sêccas tremendas é indispensavel ser forte, vigoroso de corpo e de alma.

O sr. Paternostro revolta-se contra o conhecido juizo de Euclides da Cunha, de que: «o sertanejo é antes de tudo um forte». Muito antes do insigne autor d'*Os Sertões*, outros o disseram. De fórma que á opinião leiga, aerea e por ventura apaixonada, do sr. Julio Paternostro, oppõe-se, além dos factos mencionados, o testemunho insuspeito de homens eminentes que perlustraram o Nordeste e viveram em contacto íntimo com a sua gente, observando todas as qualidades boas e más que a caracterizam. O Barão de Capanema veio duas vezes ao Ceará, percorrendo tambem o Piauhy, não como *touriste*, mas como cientista, investido de importante missão de confiança, que o obrigava a uma observação acurada do meio. No seu celebre folheto «Sêcca do Ceará», deixou elle escripto: «Nesses meses, que se qualificam de inverno, elle vive (o sertanejo) de leite, queijo e coalhada com farinha; com isso desenvolve uma actividade e uma ostentação de força admiraveis; passa o dia inteiro, ás vezes semanas, a *correr* gado, cousa que exige habilidade, destreza e sangue frio», etc. Noutra parte: «O povo, em geral, é sadio e robusto.» O geologo americano Ralph Hamilton Soper, que viveu muito tempo nos Estados do Rio Grande do Norte e da Parahyba e parte do Ceará, diz: «E' uma raça forte, de estatura maior do que a do homem ordinario, sincera, affavel, sempre cortês e extremamente hospitaleira. O Bra-

sil tem razão de se orgulhar dos seus «filhos do norte» e elles bem merecem uma boa sorte.» O viajante francês L. F. Tolenare, que percorreu o Nordeste no seculo passado, observa: «São precisos homens robustos, corajosos, activos e intelligentes, para reunir os animaes, marcá-los, abatê-los, ou juntá-los para conduzi-los em boiadas ás cidades. Este trabalho não póde ser feito pelos negros, em geral fracos e indolentes. Os brasileiros conhecidos pelo nome de sertanejos são criados neste penoso exercicio e desenvolve nelle tanta destreza quanta coragem; porque de ambas se necessita para alcançar animaes quasi selvagens que se refugiam em meio de cerrados impenetraveis.» O sr. Charles W. Comstock, superintendente da firma americana Dwight P. Robinson & Co., administradora de serviços publicos no Nordeste, durante cêrca de 4 annos, e que lidou com muitos milhares de operarios nos Estados do Ceará e da Parahyba, escreveu em data de 16 de Agosto de 1923: «Elles são doces (refere-se aos trabalhadores sertanejos), pacificos, de boa indole, amantes do trabalho e de facil adaptação a qualquer instrucção conveniente. Nos officios que conhecem e com ferramenta do seu uso, são, sem excepção, trabalhadores tenazes e isto apesar do facto de terem raramente alimentação sufficiente e, por necessidade, morarem em lugares sem hygiene. Ao envés da falta de energia, elles mostram uma energia que é realmente notavel, considerando-se as condições sob as quaes são obrigados a viver.» São de Arthur Neiva e Belisario Penna as seguintes palavras: «Os vaqueiros constituem typos dignos de toda a sympathia e admiração; por vezes, surprehendemo-los em caminho, no arduo mistér de vaquejar e somente quem assistiu poderá avaliar a extraordinaria energia physica e inigualavel coragem que possuem; elles demonstram que aquella gente tem energias capazes dos maiores feitos e até hoje nada vimos em arrôjo, sangue frio, resistencia e agilidade comparavel ás façanhas daquelles homens.» Num artigo de grande repercussão, intitulado — «O povo cearense — Notas apressadas de uma viagem ao Norte», publicado pela primeira vez n«A noite», do Rio, em 22 de Junho de 1925, o sr. Viriato Cor-

reia, concretizando no cearense as qualidades geraes do nordestino, diz: «O typo moral é então de uma firmeza maior, é a sobriedade na sua expressão mais alta, a tenacidade no seu timbre mais nobre, a resignação que sobe quasi á santidade, a energia candente, a resistencia titanica. O cearense tinha que ser um forte. E é. Todo elle são musculos d'aço no corpo, musculos d'aço no espirito. Tem forças materiaes para pôr uma torre abaixo, como tem energia e tenacidade maiores para erguer uma torre. Devia ser ostentoso, arrogante, aggressivo. Não é. O cearense não conhece o estardalhaço. Ao contrario, é um sóbrio, um triste. A physionomia nunca se lhe abre em largas expansões festivas; a voz é arrastada, cantada como a dar idéa da plangencia das rezas que por lá se cantam a Deus nas quadras flagelladoras das sêccas. Como tem capacidade para tudo, não dá lugar a que os outros se agitem em qualquer actividade. O estrangeiro que chega ao Ceará não tem o que fazer.» Eu podia citar ainda a opinião do inglês H. Koster, de Morsing, que foi engenheiro na construcção da Estrada de Ferro de Baturité, do austriaco Pinkas, igualmente engenheiro em serviço nessa obra, acostumado a dirigir operarios noutros países, inclusive a Argentina, capaz, portanto, de estabelecer um parallelo e que fazia do trabalhador nordestino altissimo conceito. Tenho aqui, á mão, os depoimentos desses homens illustres, tanto mais criteriosos quanto feitos espontaneamente e sem intuito de recommendação ou favor. Mas é preciso resumir, para não enfastiar.

O sr. Paternostro, cuja capacidade de observação fica aquem de zero, diz entretanto uma verdade aproveitavel: «Hoje todo mundo está cansado de «blague». Pois bem, não ha «blague» mais descarada do que a pintura que elle faz da gente e das cousas nordestinas. Não ha «blague» maior do que pretender impingir aos que desconhecem o Nordeste que «a população sertaneja, sem poder ser forte, nem bonita, vae vivendo, sem se poder exigir que faça alguma cousa além de ficar parada». Então não foi essa mesma população que ainda este anno plantou, cultivou, colheu, beneficiou, transportou e está exportando mais de 70.000.000 de kilogrammos

de algodão em pluma ou sejam 530.000 toneladas de algodão bruto, representando o amanho de quasi meio milhão de hectares de terreno? Isto afóra o milho que se está exportando até como lastro de navio, porque não ha saccaria sufficiente.

Mas essa «blague» só tem par nesta outra do mesmo auctor: «Os homens empilham as pedras, fazendo cêrcas iguaes ás fortalezas (sic), cuidando da palma — a unica planta que lhe vae garantir a vida da rês e das cabras.» E' estupendo! Será crível que com palma se consiga alimentar quasi 4 milhões de reses bovinas, que tantas eram as que viviam nos Estados nordestinos em 1920, depois da tremenda sêcca de 1919? Será por ventura possível alimentar com palmas mais de 800.000 porcos, cuja nutrição tem exigencias especiaes? Pois bem: segundo dados officiaes, os Estados do Nordeste criavam em 1920 aquella quantidade de suinos.

Ainda outra «blague» do sr. Paternostro consiste em fazer suppor que o nordestino se alimenta principalmente de farinha e carne de bode. Ora, o que os computos officiaes registram é que o numero de reses bovinas *per capita* é maior do que igual indice referido aos caprinos. No Ceará, por exemplo, em 1920, tinhamos 440 bovinos por 1.000 habitantes, contra 402 caprinos; no Rio Grande do Norte, 595 bovinos contra 403 caprinos por 1.000 habitantes.

Entretanto, com relação á preferencia da palma para alimentação «da rês e das cabras», parece-me opportuno dizer ao sr. Paternostro que nós, os nordestinos, nunca tivemos muita fé nas virtudes daquela cactacea. O apparecimento da palmatoria no Ceará perde-se na noite dos tempos. Veio provavelmente da Barbaria. Quando e como veio ninguem o sabe. Mas ha noticia della nos sertões desde remotissimas éras, sem que ninguem pensasse em alimentar com ella o gado. Nos ultimos annos, vemo-la nos jardins, como planta de ornamentação, não constando que alguem tenha com a palma enchido o papo de um passarinho.

Ha muita gente (e parece que o sr. Paternostro fórma nessa classe) que acredita ingenuamente

que a palmatoria póde dispensar em absoluto a agua.

Planta xeróphila, é certo que uma humidade excessiva lhe é prejudicial, mas isso não quer dizer que dispensa a rega *quantum satis*.

Vi em Quixadá, no tempo em que o intelligente agronomo italiano Alfredo Benna dirigia o Horto Florestal da Inspectoria de Sêccas, opúntias (palmas) como nunca as conseguiu o sr. Luther Burbank, da California, o industrial que a explora e com ella tem ganho dinheiro e fama. Possuo varias photographias dessa plantação da famosa cactacea e posso assegurar que as palmas cearenses eram superiores ás americanas, não só no tamanho e pêso, como por serem completamente lisas, cousa que não acontece com as ultimas.

O sr. Benna, entusiasta da palmatoria e convencido de que era cousa muito boa, distribuiu cêrca de 100 mil mudas no Ceará. Dessa enorme quantidade deve existir um ou outro exemplar nos jardins, pois que mesmo as de Quixadá, no momento em que lhes faltou a irrigação, desapareceram quasi por completo.

O que ha de resolver o problema da alimentação dos animaes do Nordeste será o feno ou o silo.

Vae esta explicação para mostrar quanto a phantasia prejudicou o sr. Paternostro, na sua investida contra o Nordeste.

O sertanejo é philosopho a seu modo, e, como o barbeiro de Beaumarchais, está sempre a rir, mesmo no meio das situações mais embaraçosas. Porque, afinal, o Nordeste é a terra onde só se pesa desgraça de arroba para cima.

Se alguém narrasse a alguns desses homens puros e valentes metade das heresias que o sr. Paternostro escreveu sobre elles, o sertanejo não se zangaria. Felo contrario, remataria a conversa com uma risada e com esta exclamação regional, á guisa de exorcismo: « Avè-Maria! »

Creio ter demonstrado de maneira concludente a falsidade de todas as informações contidas no artigo do sr. Julio Paternostro, artigo inexplicavel,

injustificavel, aggressivo, inoportuno, absurdo, inveridico. Impossivel atinar com o motivo que o inspirou. Chauvinismo, acaso, e consequente despeito, após a leitura de alguns daquelles livros malsinados que louvam «o valor physico e a pujança psychologica» dos sertanejos e a belleza das marias-bonitas de cá?

Neste caso o sr. Paternostro devia ter procurado documentar-se. Porque só a sua palavra não basta contra o depoimento pessoal de Euclides da Cunha, do Barão de Capanema, de Bclisario Penna, de Arthur Neiva, de Tolenare, Comstock, Viriato Correia, Pinkas, Ralph Soper, H. Koster, Morsing e tantos outros filhos de sul, ou estrangeiros, e nenhum delles nordestino. Que interêsse teriam esses homens de integridade moral absoluta em favorecer, com sacrificio de seu criterio, o pobre sertanejo que de modo algum poderia corresponder á sua generosidade?

E' força, pois, convir que os litteratos—«que descrevem o tipo sertanejo copiando os heroes legendarios da Grecia»,—estão mais proximos da verdade do que o sr. Julio Paternostro, cujo artigo é um monstrengo de paixão, de phantasia quintessenciada e de injustiça.

(Ceará)

(«Jornal do Commercio», Rio, 13—II—1935.)



# Actas das sessões realizadas no anno de 1936

PRESIDENCIA DO EXMO. SR. BARÃO DE STUDART

*Sessão de 5 de Fevereiro de 1936 :*

Às 4 horas da tarde do dia 5 do corrente, reuniu-se, em sessão ordinaria, o Instituto do Ceará, com a presença dos socios effectivos Srs. Barão de Studart, Desembargador Alvaro de Alencar, Eusebio de Sousa, Carlos Studart Filho, Soares Bulcão, Martinz de Aguiar e Djacir Meneses.

Lida o acta da sessão anterior, foi approvada sem impugnação.

O Sr. 1.º secretario procedeu a leitura do seguinte expediente :

Officio da Academia Carioca de Lettras, convidando o Instituto para se fazer representar no Congresso das Academias de Lettras e Sociedades de Cultura Litteraria do Brasil, a realizar-se no Rio de Janeiro de 3 a 13 de Maio vindouro.

Carta do consocio Dr. Antonio Theodorico da Costa apresentando ao Instituto o resultado do balanço feito nos cofres da thesouraria, no mez de Janeiro findo e pondo o mesmo ao corrente do movimento da alludida thesouraria a seu cargo.

- Convite do «Centro Medico Cearense», para o Instituto se fazer representar na condigna homenagem ao Dr. Alfredo Monteiro, cathedratico da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, realizada no dia 3 do corrente, no salão nobre da Faculdade de Pharmacia e Odontologia.

O Sr. 1.º secretario menciona ainda a offerta de varias publicações para a bibliotheca do Instituto.

Passando-se á ordem do dia, o Sr. Martinz de Aguiar usou da palavra, entrando em detalhadas explicações sobre a circular que o Instituto do Ceará havia, em data anterior, endereçado aos seus consocios, concitando-os ao comparecimento ás sessões, afirmando não haver motivos para melindres com o contexto da alludida circular, cuja leitura passou a fazer, analysando-a linha por linha.

Sobre o assunto manifestaram-se os socios presentes, sendo unanimemente acceitas as explicações do orador.

O Sr. Carlos Stndart, que na qualidade de 2.º secretario,

firmara referida circular, solidario com o Sr. Martinz de Aguiar, pediu fosse a mesma inserida em acta, o que foi ordenado pelo Sr. Presidente.

O Sr. Soares Bulcão, com a palavra, ainda sobre o assumpto em discussão, alvitrou a nomeação de uma commissão para um entendimento com os socios porventura melindrados com a referida circular, sendo essa suggestão regeitada em virtude de já haver reconhecido o Instituto não conter na redacção da mesma melindres ás pessoas dos socios, tanto mais quando a sua expedição fôra em character geral, não visando esta ou aquella individualidade.

—De accordo com a letra dos estatutos sociaes, os socios effectivos, Drs. José Lino da Justa, Alvaro Octacilio Nogueira Fernandes, Alvaro Bomilcar da Cunha e D.<sup>a</sup> Julia Carneiro Leão de Vasconcellos, foram elevados á cathegoria de Honorarios, reconhecido o Instituto aos relevantissimos serviços prestados pelos illustrados homens de letras ao seu gremio, durante o largo periodo de tempo que estiveram honrando as suas cadeiras.

O Sr. Eusebio de Sousa, com a palavra, deu conta ao Instituto da incumbencia que recebera do mesmo, na sua recente viagem ao Rio de Janeiro, affirmando haver tido entendimento com o Sr. Dr. Rodolpho Garcia, director da Bibliotheca Nacional, sobre o acervo dos livros destinados á Bibliotheca do Instituto, já tendo sido providenciado a respeito da remessa dos referidos livros. Quanto á segunda incumbencia que lhe fôra commettida —entendimento com o senador Waldemar Falcão sobre o reconhecimento do Instituto do Ceará, como sociedade de utilidade publica, junto aos poderes da União—deixara bem encaminhada a velha aspiração do Instituto, confiada agora aos carinhos e incontestavel prestigio de seu eminente consocio.

O Sr. Presidente tomando em consideração o convite da Academia Carioca de Letras, designou o consocio Waldemar Falcão para representar o Instituto no Congresso a ter inicio, no Rio de Janero, a 3 de Maio proximo.

O Sr. Martinz de Aguiar apresentou á consideração da casa a proposta para socio effectivo do Instituto, na vaga existente com a elevação, a socia honoraria, de D. Julia Carneiro Leão de Vasconcellos, da Exma. Sra. D. Maria Rodrigues, que tem altamente engrandecido o pseudonymo de Alba Valdez, passando a seguir a ler substancioso trabalho da candidata, dirigido ao Instituto.

Firmaram dita proposta os socios effectivos Martinz de Aguiar, Thomaz Pompeu Sobrinho, Eusebio de Sousa, Alvaro de Alencar, Andrade Furtado, Carlos Studart Filho e Djacir Menezes.

O Sr. Eusebio de Sousa propoz fosse desde logo proclamada D.<sup>a</sup> Alba Valdez socia effectiva do Instituto, de vez que a sua proposta ultrapassara o limite determinado pelos estatutos sociaes para os candidatos ás cadeiras vagas.

Unanimemente aceita a proposta do Dr. Eusebio de Sousa, foi D.<sup>a</sup> Alba Valdez proclamada socia effectiva do Instituto do

Ceará, devendo, conforme ficou resolvido em sessão, ser na próxima reunião, marcado o dia de sua recepção.

---

### *Sessão de 20 de Fevereiro :*

Presença dos socios effectivos Srs. Barão de Studart, Thomaz Pompeu Sobrinho, Carlos Studart Filho, Eusebio de Sousa e Soares Bulcão.

Lida a acta da sessão anterior, foi approvada sem impugnação.

O expediente constou de duas cartas dos socios Drs. José Lino da Justa e Alvaro Octacilio Nogueira Fernandes, accusando o recebimento da communicação que lhes lóra anteriormente feita, pela secretaria, sobre a elevação de ambos, á classe dos socios honorarios.

O 1.º secretario mencionou ainda uma relação de offertas de livros e revistas feitas por varias associações de lettras do paiz e do estrangeiro para a bibliotheca do Instituto.

Passando-se á ordem do dia, o Sr. Eusebio de Sousa submetteu ao conhecimento da casa a proposta para socio effectivo do Instituto, do Dr. José Waldo Ribeiro Ramos, nome vantajosamente conhecido nas lettras da terra, como geographo de reputação firmada, o qual passaria a occupar a cadeira do Dr. Alvaro Octacilio Nogueira Fernandes, vaga com a elevação deste á classe dos honorarios. Referida proposta, em virtude de haver ultrapassado o limite dos estatutos sociaes quanto ao numero de socios que a firmavam, foi por todos accepta, sendo então proclamado socio effectivo do Instituto do Ceará o Dr. José Waldo Ribeiro Ramos.

Entrando em discussão o prazo que deveria ser marcado para a recepção dos socios effectivos ultimamente acceptos e proclamados—D.<sup>a</sup> Maria Rodrigues (Alba Valdez) e Dr. José Waldo Ribeiro Ramos—lembrou o Sr. Carlos Studart Filho a conveniencia de aguardar-se o preenchimento das demais cadeiras vagas, de modo a ser feita, numa só sessão solemne, uma recepção global, o que foi approvado pela unanimidade dos socios presentes.

---

### *Sessão de 5 de Março :*

Presença dos socios effectivos Srs. Barão de Studart, Desembargador Alvaro de Alencar, Eusebio de Sousa, Carlos Studart Filho, Martinz de Aguiar, Soares Bulcão e Sousa Pinto.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o expediente, lido pelo 1.º secretario, constou de varias cartas e officios de associações culturaes do paiz e do estrangeiro agradecendo a remessa do torno XLIX (1935) da «*Revisia do Instituto*» e de

uma relação de livros, revistas e folhetos oferecidos á bibliotheca do mesmo Instituto.

Constou ainda o expediente de um telegramma do consocio Affonso Costa, do Rio de Janeiro, communicando que a Academia Carioca de Letras, em sessão de 4 do corrente, havia votado uma moção de congratulações ao Instituto pela passagem do 49º. anniversario de sua fundação.

Passando-se á ordem do dia, o Sr. Eusebio de Sousa apresentou á consideração da casa uma proposta com a indicação do Dr. Hugo Victor Guimarães e Silva para o preenchimento da cadeira que era occupada pelo Dr. José Lino da Justa, da classe de effectivos e elevado á de Honorarios. Firmada dita proposta por numero sufficiente de assinaturas, ultrapassando o limite estipulado nos estatutos sociaes, o Sr. Presidente, proclamou socio effectivo o aludido cidadão, nome reconhecidamente destacado nas letras indigenas.

Com a palavra, o Sr. Martinz de Aguiar referiu-se a resolução tomada na sessão anterior quanto á recepção dos socios effectivos do Instituto recentemente admittidos. Sendo materia discutida e resolvida, achava o Sr. Martinz de Aguiar que, embora se fizesse uma unica recepção para todos os novos confrades, deveria ficar ao criterio de cada recipiendario o seu discurso, caso entendesse fazê-lo, e não delegar-se poderes a um unico orador. Para tanto o prazo de recepção poderia ser dilatado por mais algum tempo.

Sobre o assumpto manifestaram-se varios dos socios presentes, sendo vencedora a idéa do Sr. Martinz de Aguiar, em vista do que o Sr. Presidente marcou a sessão ordinaria de 5 de Abril proximo, quando deveriam ser recebidos d. Maria Rodrigues (Alba Valdez) e os Drs. Jcsé Waldo Ribeiro Ramos e Hugo Victor Guimarães e Silva proclamados socios effectivos nas vagas então existentes, no seio do sodalicio, de D.<sup>a</sup> Julia Carneiro Leão de Vasconcellos e Drs. Alvaro Otacilio Nogueira Fernandes e José Lino da Justa.

O discurso de recepção dos novos socios caberia ao orador da casa Dr. Djacir de Menezes.

Por proposta dos Srs. Eusebio de Sousa e Carlos Studart Filho, foi aceito e proclamado socio correspondente do Instituto o Sr. coronel Francis Reginald Hull, vice-consul da Inglaterra, neste Estado, grande conhecedor de nossa historia e possuidor de opulenta bibliotheca brasiliaza, talvez unica em todo o Brasil.

Com a palavra o Sr. Sousa Pinto, lembrando o pedido do Sr. Barão de Studart de trazerem os socios do Instituto, ao seu conhecimento, qualquer trabalho perventura publicado em jornaes, revistas ou outras publicações do paiz ou estrangeiro, apresentou uma relação de varias revistas que nestes ultimos tempos têm editado artigos de sua autoria, destacando «O Brasil», de Barcelona, que havia traduzido para o espanhol e incluído em suas paginas, a sua monographia «O Ceará Economico».

O Sr. Barão de Studart, salientando a operosidade do Sr. Sousa Pinto, felicitou-o por esse significativo acontecimento.

Ainda o Sr. Barão de Studart, antes de dar por finda a sessão, lembra aos seus consócios a efeméride que se comemorava naquelle dia—o 49º. anniversario do Instituto do Ceará fundado em data identica, no ano de 1887. Acontecimento de grande significação para os componentes da antiga agremiação de letras, era motivo de grande alegria para todos os consócios, pelo que se congratulava com os mesmos que ali se encontravam.

Os socios do Instituto—adeantou o Sr. Barão de Studart—não deviam esquecer, que mais um ano completaria o Instituto do Ceará o seu cincoentenario, coisa rara nos annaes de associações congeneres existentes no paiz.

### *Sessão de 20 de Março :*

Presença dos socios effectivos Drs. Barão de Studart, desembargador Alvaro de Alencar, Eusebio de Sousa, Carlos Studart Filho, Martinz de Aguiar, Thomaz Pompeu Sobrinho e Sousa Pinto.

Approvada a acta da sessão anterior, o 1º. Secretario procedeu a leitura do expediente em meza, constando de uma carta da Exma. Sra. D. Julia Carneiro Leão de Vasconcellos, residente no Rio de Janeiro, agradecendo a sua elevação de socia effectiva do Instituto, á classe dos Honorarios, e ainda de um officio do «Centro de Ciencias, Letras e Artes», de Campinas (S. Paulo), agradecendo a remessa do tomo XLIX (1935) da «Revista do Instituto».

Foi lida ainda no alludido expediente, uma relação de livros e folhetos offertados á bibliotheca da sociedade.

Passando-se á ordem do dia, foram apresentados á consideração da casa duas propostas dos socios effectivos nas vagas existentes, recaindo a escolha nas pessoas dos Srs. Desembargadores Abner Carneiro Leão de Vasconcellos e Dr. Clodoaldo Pinto. Firmada ditas propostas por maioria absoluta de socios, foi dispensada a formalidade do escrutino, sendo os alludidos intellectuaes proclamados socios effectivos do Instituto do Ceará.

A seguir o Sr. Eusebio de Sousa submetteu á apreciação do Instituto uma proposta para socio benemerito do Sr. Major Roberto Carneiro de Mendonça pelos relevantes serviços prestados ao sodalicio quando no exercicio da Interventoria Federal no Ceará. Calcada dita proposta na letra estatucional e posta a votos, foi por maioria, acceita, sendo então pelo Sr. Presidente proclamado socio benemerito do Instituto do Ceará, o referido militar.

O Sr. Barão de Studart e Carlos Studart Filho, votaram pela elevação do proponente á classe de socio honorario.

E' do teôr seguinte a proposta a que se alude :

«Exmo. Sr. Presidente do Instituto do Ceará :

Não é desconhecida de V. Excia., nem tão pouco dos meus dignos pares do Instituto a acção decidida e efficaç de um dos

mais esclarecidos governos que tem tido o Ceará no regimen republicano—o do Sr. Major Roberto Carneiro de Mendonça, prestigiando, em toda a linha, a nossa agremiação de letras historicas.

Em sua probidosa administração foi conservada a subvenção annual de auxilio a nossa Revista, tendo ainda, num acto que muito o dignifica e de grande alcance patriótico, cedido dois salões do Archivo Publico do Estado para delles se utilizar o Instituto nas suas relações sociaes. E mais: o ex-Interventor Federal no Ceará, sancionou o decreto n. 751 de 9 de Setembro de 1932, pelo qual nenhum nome de villa, cidade, praça e logradouros publicos dos municipios estaduaes será mudado sem previa audiencia do antigo sodalicio.

O Instituto do Ceará não pode permanecer indifferente ao indiscutivel prestigio que lhe dispensou, em seu governo, o Sr. Major Carneiro de Mendonça, e, reconhecido, deve, desde já, incluí-lo no quadro de seus socios benemeritos. Não lhe fará favor algum.

Consoante dispositivo basico, o Major Carneiro de Mendonça está bem no caso de receber essa merecida distincção.

Justifico a minha proposta:

«Como benemerito—preceitua o art. 8.º dos nossos estatutos—são consideradas as pessoas que houverem prestado serviços á Sociedade, julgados relevantes.

Relevante, quiçá relevantissimos, foram os serviços por elle prestados ao nosso gremio.

Quando outros titulos não recommendassem o Major Carneiro de Mendonça á nossa gratidão, ao nosso reconhecimento, só o facto de estar presente-mente abrigado o Instituto em dependencia de uma das repartições estaduaes, justamente a que condiz com a sua finalidade—o Archivo Publico e Museu Historico do Estado—vivendo até então sem pouso certo, sujeito aos caprichos do destino, ora permanecendo aqui, ora acolá, era o bastante para sagrá-lo á benemerencia pleiteada.

Assim proponho que seja proclamado socio Benemerito do Instituto do Ceará, o Sr. Major Roberto Carneiro de Mendonça, ex-Interventor Federal neste Estado, e como significativa homenagem á benemerencia evdienciada, seja o seu retrato apostado na destacada galeria do Instituto.

Fortaleza, 20 de março de 1936.

Eusebio de Sousa.»

Com a palavra o Sr. Barão de Studart, referiu-se ás ultimas propostas de socios effectivos, para o quadro do Instituto. Preenchidas as vagas existentes e já proclamados os occupantes das respectivas cadeiras, marcado como estava o dia 5 de Abril proximo para a recepção dos novos confrades, designava o edificio do Archivo Publico e Museu Historico do Estado, onde

tem a sua séde social o Instituto, para ter lugar a sessão de dita recepção, devendo realizar-se o acto pelas 15 1/2 horas.

O Sr. Barão de Studart, ainda com a palavra, affirma que horas antes da sessão, fôra procurado pela exma. Sra. D. Adilia de Albuquerque Moraes, pedindo o apoio da casa á homenagem que seria, em breves dias, tributada á Exma. Sra. D. Laís Lopes Wallace, renomada cantora cearense, com a aposição de uma placa de bronze no vestibulo do Theatro José de Alencar, não podendo o Instituto deixar de associar-se a tão justa homenagem, sobretudo reconhecido ao merito indiscutivel da distinta conterranea de quem jamais seria esquecido á grandiosa noite de arte que, ha dois anos passados, lhe dedicou, em beneficio do seu futuro predio. O Instituto, pela unanimidade de seus pares, resolveu solidarizar-se á merecida homenagem concedendo, deste modo, o auxilio solicitado.

---

### *Sessão de 5 de Abril:*

Presentes o Dr. José Demostenes Martins, representante do Exmo. Sr. Governador do Estado, Padre Lauro França, representando o Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, Dr. Rui de Almeida Monte, Secretario dos Negocios da Fazenda do Estado, autoridades do Ceará, o Sr. Presidente abriu a sessão, designando uma comissão composta dos Srs. Carlos Studart Filho, Thomaz Pompeu Sobrinho e Andrade Furtado para receber os novos socios effectivos a serem empossados naquella sessão, os quais se achavam num dos salões do edificio.

Introduzidos a exma. Sra. D. Maria Rodrigues, (Alba Valdez), Dr. José Waldo Ribeiro Ramos, desembargador Abner Carneiro Leão de Vasconcellos, Clodoaldo Pinto, socios effectivos, e o Sr. Francis Reginald Hull, socio correspondente, o Sr. Presidente, com a palavra, deu os motivos daquella reunião, enaltecendo o valor dos novos socios empossados, demorando-se sobre a individualidade de cada um, findo o que concedeu a palavra ao orador official, Sr. Djacir de Menezes.

Teve a palavra então o Sr. Djacir de Menezes que proferiu o discurso de recepção aos recipiendarios, seguindo-se-lhe na tribuna d. Maria Rodrigues (Alba Valdez) que, pelo espaço de trinta minutos, em erudito trabalho se occupou brilhantemente da personalidade literaria de sua antecessora Julia Carneiro Leão de Vasconcellos, cadeira que passaria a occupar no Instituto.

O desembargador Abner de Vasconcellos, delegado pelos seus demais confrades empossados. em bem acabado discurso, agradeceu a honrosa distincção que lhes havia conferido o Instituto do Ceará, ingressando-os no seio de sua comunhão social.

Todos os oradores foram muito aplaudidos pelos excellentes orações que produziram.

Ainda nesta sessão foi empossado o Sr. Francis Reginald Hull, vice-consul da Inglaterra, na qualidade de socio correspondente, recentemente proclamado.

O Dr. Hugo Victor Guimarães e Silva, socio effectivo,

## VIII REVISTA DO INSTITUTO DO CEARA'

### *Sessão de 14 de Abril:*

Presença dos socios effectivos Srs. Barão de Studart, Desembargador Alvaro de Alencar, Pompeu Sobrinho, Eusebio de Sousa, Carlos Studart Filho, Soares Bulcão, Martinz de Aguiar, Sousa Pinto, Abner de Vasconcellos D<sup>a</sup>. Alba Valdez, Clodoaldo Pinto e José Waldo.

Lida a acta da sessão anterior, e não havendo expediente em meza passou-se á ordem do dia.

O Sr. Presidente, com a palavra, affirma que estando presente á sessão o consocio Sr. Hugo Victor Guimarães e Silva, que, por motivo de fôrça maior, não tomara posse de sua cadeira na sessão de 5 do corrente, que lhe fôra marcada, com os demais seus companheiros recentemente eleitos e proclamados, dava-o como empossado, apresentando-o, como tal, aos socios presentes.

Declarou o Sr. Presidente que sendo a sessão do dia convocada para a renovação de sua directoria no proximo bienio, determinava ao 1<sup>o</sup>. secretario fossem recolhidos as cédulas em poder dos socios, escolhendo para escrutinadores os Srs. Hugo Victor e Martinz de Aguiar.

Recolhida ditas cédulas, deram as mesmas o seguinte resultado:

Vice-presidente: Desemb. Alvaro Gurgel de Alencar—11 votos.

Para 1<sup>o</sup>. secretario: Eusebio de Sousa—11 votos—Carlos Studart Filho—1 voto.

Para 2<sup>o</sup>. secretario: Dr. Carlos Studart Filho—11 votos, Martins de Aguiar—1 voto.

Para 3<sup>o</sup>. secretario: Martins de Aguiar — 11 votos, Djacir Menezes—1 voto.

Para oradores: Djacir Menezes e José Waldo—11 votos cada.

Para Thesoureiro: Andrade Furtado — 10 votos, Antonio Theodorico da Costa— 2 votos.

Para Bibliothecario: Alba Valdez—11 votos. Um voto em branco.

Commissão de Admissão de Socios—Dr. Antonio Theodorico da Costa, Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho e Des. Abner de Vasconcellos.

Commissão de Historia, Manuscriptos e Arqueologia—Des. Alvaro Gurgel de Alencar, Dr. Hugo Victor e Soares Bulcão.

Commissão de Geographia, Ethnographia e Sciencias Sociaes—Dr. Djacir Menezes, Dr. José Waldo Ribeiro Ramos e Dr. Sousa Pinto.

Commissão de Sciencias e Letras—Dr. Andrade Furtado, Prof. Martinz de Aguiar, Prof.<sup>a</sup> Alba Valdez e Dr. Clodoaldo Pinto.

Commissão da Revista—Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho, Dr.

Eusebio de Sousa, Dr. Carlos Studart Filho e Prof. Martinz de Aguiar.

O Sr. Barão de Studart, com a palavra communicou que, momentos antes fôra procurado por—D<sup>a</sup>. Adília de Albuquerque Moraes que viera convidar o Instituto para a solenidade que teria lugar no dia 10 do corrente, no Theatro José de Alencar em homenagem á cantôra conterranea D<sup>a</sup>. Laís Lopes Wallace, com a opposição de uma placa de bronze no portico do referido theatro. Correspondendo a gentileza do convite, designava os Srs. Sousa Pinto, José Waldo e Clodoaldo Pinto para representarem o Instituto no aludido acto.

Ainda o Sr. Presidente communicou que no proximo dia 19 do corrente teria lugar a sessão solenne que a convite do Sr. Prefeito Municipal de Fortaleza, Alvaro Nunes Weyne ia realizar o Instituto em «Alagadiço Novo» no extincto municipio de Mecejana, na casa onde nasceu o grande romancista José de Alencar, adquirida recentemente pelo aludido prefeito. Pedia o Sr. Presidente aos consocios que estivessem todos presentes á dita sessão e como o seu estado de saúde não permitia sair até o local indicado, passava a presidencia do acto a ser celebrado, ao Vice-Presidente, Desembargador Alvaro Alencar. Para interpretar o sentimento do Instituto, designava orador o Dr. José Waldo.

O Sr. Carlos Studart, com a palavra, referindo-se ao proximo cincoentenario do Instituto do Ceará a ser celebrado a 4 de Março de 1937, apresentou ao Sr. Presidente uma indicação por escrito contendo um programma para os festejos que o Instituto devia promover nesse dia de grande significação social.

O Sr. Presidente mandou então o 1<sup>o</sup>. secretario proceder a leitura da referida indicação. cujo teor é o seguinte:

«O Instituto do Ceará, commemorando a passagem do 50.<sup>o</sup> anniversario de sua fundação—4 de Março de 1937—promoverá:

a) um congresso Regional de Historia e Geographia, que terá lugar em Fortaleza de 1 a 10 de Março de 1937.

b) a reedição dos três volumes do «Diccionario Bio-Bibliographico Cearense» de autoria do Sr. Barão de Studart e publicação do 4<sup>o</sup>. volume (inedito) de aludida obra, como as modificações e applicações de seu autor, revistas tais volumes por uma comissão do Instituto.

c) a publicação, em livro, de um estudo historico do Instituto, desde a sua fundação aos dias atuaes, trabalho esse illustrado com photographias de todos os socios effectivos do Instituto, falecidos, até á presente data;

e) a execução do premio «Capistrano de Abreu», já regulamentado, destinado ao melhor trabalho que surgir no anno de 1937 sobre a Historia Colonial do Ceará.

f) a cunhagem de uma medalha comemorativa e alusiva á data anniversaria do Instituto;

g) a publicação dos «Annais» do Congresso Regional de Historia e Geographia.

Para esse fim, o Instituto do Ceará constituirá uma Comissão Executiva de seus socios effectivos, o qual terá a seu cargo a commemoração solene da grandiosa data social, competendo-lhe a organização geral do programma a ser executado.

Dita comissão, preliminarmente, entender-se-á com os poderes publicos estadual e municipal—no sentido de ser obtido auxilios pecuniarios que venham a cobrir as despêsas a serem feitas com a realização do Congresso Regional da Historia e Geographia, publicação dos trabalhos indicados, de quadros, retratos, cunhagem de medalha, distinctivos, etc.

Caber-lhe-á ainda o encargo de promover junto a bancada cearense no Congresso Federal e Assembléa Legislativa, o reconhecimento do Instituto do Ceará como Sociedade de utilidade publica, de maneira que na data a ser commemorada seja convertida em realidade esse acontecimento.

Além da Comissão executiva serão designadas duas outras comissões parciaes, agindo de accôrdo com aquella para a realização integral da solemnidade.

A primeira dessas comissões, que será composta de tantos membros quantos forem necessarios ao desenvolvimento do respectivo encargo, incumbir-se-á :

a) da publicação do Diccionario «Bio-Bibliographico Cearense» cabendo a cada um dos membros designados a revisão e modificação de determinado numero de letras para a perfeita execução do trabalho.

b) a designação de um de seus membros para a elaboração do trabalho que se occupe do estudo historico do Instituto, de sua fundação aos dias actuaes.

c) da confecção dos retratos dos socios fallecidos, destinados á galeria do Instituto.

d) da cunhagem de medalha commemorativa e confecção de distinctivos para os congressistas.

e) da publicação dos «Anaes» do Congresso.

A segunda comissão parcial terá a seu cargo a elaboração do programma do Congresso Regional de História e Geographia, dirigindo-se ás sociedades congeneres disseminadas pelo paiz, no sentido de obter adhesões para dito Congresso, com a fixação da contribuição de cada congressista, determinação das theses a serem discutidas, emfim chamando á sua responsabilidade tudo que for necessario para regular andamento do alludido certamen.

Ficará a criterio dessa comissão chamar a seu seio pessoas extranhas ao quadro social do Instituto, mas de renome intellectual, ficando, porém essa escolha dependente da approvação da Comissão Executiva sob a presidencia do Presidente do Instituto.

Discutido largamente o assumpto e acceito pela unanimidade dos presentes, a indicação do sr. Carlos Studart Filho, o Sr. Presidente designou, de accôrdo com os itens da alludida indicação, as seguintes comissões :

Comissão Executiva :—Desembargador Alvaro de Alencar,

Dr. Antonio Theodorico da Costa, Dr. Andrade Furtado, Dr. Sousa Pinto, Dr. Djacir Menezes, Desembargador Abner de Vasconcellos, Dr. Hugo Victor e Dr. Clodoaldo Pinto.

Primeira Comissão Parcial:—Dr. Eusebio de Sousa, Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho e Dr. Carlos Studart Filho.

Segunda Comissão Parcial:—Professor Martinz de Aguiar, José Pedro Soares Bulcão, D.<sup>a</sup> Alba Valdez e Dr. José Waldo Ribeiro Ramos.

Comissão encarregada da revisão do «Diccionario Bio-Bibliographico Cearense»:—D.<sup>a</sup> Alba Valdez, Dr. Hugo Victor, Dr. José Waldo, Professor Martinz de Aguiar, Dr. Carlos Studart Filho, Dr. Eusebio de Sousa e Dr. Clodoaldo Pinto.

O Sr. Presidente designando ditas comissões concitou aos seus consocios o maior empenho de cada um dos respectivos membros para que as futuras solemnidades do cinquentenario do Instituto tenham grande realce.

### *Sessão de 5 de Maio:*

Presença dos socios effectivos Srs. Barão de Studart, Desembargador Alvaro Gurgel de Alencar, Eusebio de Sousa, Pompeu Sobrinho, Carlos Studart Filho, Soares Bulcão, Sousa Pinto, Clodoaldo Pinto, Hugo Victor, Alba Valdez e José Waldo Ribeiro Ramos. O Sr. Carlos Studart Filho justifica a ausencia dos Srs. Djacir Menezes e Martinz de Aguiar, por motivos justos e o Sr. Hugo Victor a do Sr. Andrade Furtado.

Lida a acta da sessão anterior foi approvada sem impugnação.

Foram mencionadas varias offertas de impressos para a bibliotheca do Instituto.

Passando-se á ordem do dia, o Sr. Desembargador Alvaro de Alencar, como Presidente da Comissão Executiva, encarregado da solemne commemoração do 50.<sup>o</sup> anniversario da fundação do Instituto, a 4 de Março proximo futuro, affirma que a mesma dera cabal desempenho á sua incumbencia, entendendo-se com os exmos. Srs. Dr. Governador do Estado e Prefeito Municipal de Fortaleza, prometendo essas duas autoridades interessar-se para que dita commemoração tivesse o realce que era de esperar, facilitando ao Instituto os meios necessarios com ajuda de um auxilio pecuniario. O exmo. Sr. Dr. Menezes Pimentel, lembrou a comissão enviar o Instituto uma representação que servisse de base á mensagem que, sobre o caso, teria de enviar á Assembléa Legislativa. A comissão aguardava a sanção do projecto existente em dita Assembléa, considerando o Instituto «Sociedade de utilidade publica» para poder então agir de accordo com o alvitre do Governador do Estado.

O Sr. Eusebio de Sousa, com a palavra, chama a attenção de seus confrades para o ultimo numero de «Estudinhos», interessante publicação historica que se publica em João Pessoa. Referido numero é dedicado á memoria do saudoso confrade José

## XII REVISTA DO INSTITUTO DO CEARA'

Rodrigues de Carvalho, cuja vida é estudada em diversas modalidades do reconhecido talento do homenageado.

O Sr. Hugo Victor fala sobre a commissão do Diccionario Bio-Bibliographico Cearense, cuja reedição o Instituto estava no intuito de dá-la a publicidade por ocasião das festas cincoen-tenarias. Afirma que a parte que lhe coube já se encontrava distribuida, aguardando apenas o fornecimento das pessoas a quem as circulares foram enviadas.

O Sr. Pompeu Sobrinho fala sobre as theses que devem ser discutidas no provavel Congresso Regional de Historia e Geo-graphia que o Instituto pretende levar a effeito em março de 1937. E' de opinião que cada socio deve desenvolver um assumpto á sua escolha, communicando ao Instituto para evitar repetição ou choque na materia a ser tratada.

Por ultimo, o Sr. Clodoaldo Pinto, com a palavra, lê o seu substancioso trabalho sobre a serra do Apody, causando essa leitura a melhor impressão.

---

### *Sessão de 20 de Maio :*

Presença dos socios effectivos Srs. Barão de Studart, desembargador Alvaro de Alencar, Eusebio de Sousa, Pompeu Sobrinho, Carlos Studart Filho, Soares Buicão, Martinz de Aguiar, Sousa Pinto, Djacir Menezes, Alba Valdez e Clodoaldo Pinto.

Lida a ata da sessão anterior, foi aprovada sem impugnação.

O expediente constou de varias cartas e cartões de agradecimentos de associações scientificas do país e do estrangeiro, da remessa que lhes fôra feita do ultimo numero da «Revista». Foram ainda mencionadas varias ofertas de livros e revistas para a Bibliotheca do Instituto.

Passando-se á ordem do dia, fala o Sr. Barão de Studart sobre o recente decreto do governo estadual (de n. 100, de 15 de maio vigente) considerando o Instituto de «utilidade publica», antiga aspiração da sociedade, somente agora convertida em lei. Congratula-se com os seus pares por esse acontecimento de grande significação para os destinos sociais, felicitando, por fim, o Sr. Clodoaldo Pinto pelo muito que fez, nesse particular, e a cujos esforços se deve o seu resultado.

Em seguida, o Sr. Barão de Studart allude ao recente falecimento, nesta capital, do Sr. Euclides Aires, membro destacado do commercio local. Euclides Aires tinha direito a um voto de saudade do Instituto, que não era esquecido do muito que fez em seu beneficio quando vereador á Camara Municipal de Fortaleza, em legislatura passada. Foi elle quem, cheio de ardor patriótico, *sponste sua*, teve a oportuna lembrança de apresentar á edilidade fortalezense o projecto que se converteu em lei na primeira administração prefeitural do Sr. Atvaro Weyne (n. 324, de 26 de junho de 1929), dotando o Instituto com uma subvenção annual.

O Instituto, por um dever de gratidão, sentindo profunda-

mente o falecimento do illustre cavalheiro, e não olvidando jamais o grande beneficio por elle prestado, no proximo numero da «Revista» se occuparia da memoria do saudoso extinto, de permeio com o voto de pezar que seria consignado na acta da sessão do dia.

O Sr. Clodoaldo Pinto fala sobre a criação dos municipios cearenses, em face da balburdia e confusão existentes em muitos delles que, a falta de dados seguros, estão hoje privados de tornar effectiva a disposição da lei estadual que dá a faculdade a alludidos municipios de ferirem a data de sua fundação.

Em torno da palestra do Sr. Clodoaldo Pinto trava-se animada discussão, todos accordes com a brilhante exposição feita, louvando por ultimo, o Sr. Presidente, o interessante e opportuno trabalho apresentado pelo digno consocio, certo de que, consoante os desejos evidenciados, taes duvidas desapparecerão com o estudo que naturalmente passaria a ser feito pelos que se dedicam, no Instituto, á sua especialidade, isto é, á chronologia.

---

### *Sessão de 5 de Junho :*

Presentes os socios effectivos Srs. Desembargador Alvaro de Alencar, Alba Valdez, Soares Bulcão, Hugo Victor, Sousa Pinto, Andrade Furtado, Carlos Studart Filho, Djacir Menezes e Clodoaldo Pinto.

Do consocio Eusebio de Sousa foi justificada a ausencia por motivo de molestia. O Sr. Presidente, na ausencia do 1.º Secretario, convida para secretariar a sessão o consocio Clodoaldo Pinto.

Lida a acta da sessão anterior, foi approvada sem impugnação.

O Sr. Presidente propõe e o Instituto delibera que se agradeça ao Sr. Governador do Estado, a sanção e promulgação da recente lei estadual que considerou o mesmo como Sociedade de utilidade publica.

Ao consocio Andrade Furtado, que se achava presente, o Sr. Presidente communica a sua eleição para thesoureiro do Instituto.

Leu-se, em seguida, o expediente, que constou de uma lista de publicações recebidas pelo Instituto.

O Sr. Presidente externa considerações a proposito das commemorações de Mauricio de Nassau, em Pernambuco, e diz que ahí existira duas questões distintas—uma individual, relativa a Mauricio de Nassau, que realmente merece homenagens pela sua administração em Pernambuco, e a outra nacional, relativa ao dominio holandês no Brasil, que se não deve commemorar de nenhuma maneira.

Usa da palavra o Sr. Sousa Pinto, que lê um trabalho, ainda incompleto, sobre o futuro reajustamento de vencimentos do funcionalismo estadual. Compara o custo da vida no Ceará nos annos de 1916, 1926, 1930 e 1935, segundo o preço dos generos

de primeira necessidade, bem como a despesa e o orçamento do Estado nesses annos. E termina evidenciando em quanto hão de ser fixados esses vencimentos. Sobre o trabalho do Sr. Sousa Pinto trava-se discussão entre os presentes.

Pede a palavra o Sr. Hugo Victor, que trata do proximo centenario do nascimento de Carlos Gomes, a ser commemorado, nesta cidade, pela Sociedade de Cultura Artistica. O Instituto delibera adherir a essa commemoração, que se realizava no proximo dia onze de julho; e o Sr. Presidente indica o Dr. Hugo Victor para representar o Instituto nessa solenidade.

O consocio Clodoaldo Pinto lê um trabalho de sua autoria sobre algumas duvidas quanto á cathogoria de cinco nucleos cearenses de população (Aquiraz, Maria Pereira, Pedra Branca, Pereiro e S. Francisco) e sustenta que elles são hoje villas e não cidades. Discute-se a duvida entre os presentes, achando alguns que esses nucleos voltaram a ser cidades quando foram restaurados os respectivos municipios.

---

### *Sessão de 20 de Junho :*

Presença dos socios effectivos Srs. Barão de Studart, Desembargador Alvaro de Alencar, Eusebio de Sousa, Soares Bulcão, Andrade Furtado, Hugo Victor, Alba Valdez e Clodoaldo Pinto, tendo justificado as suas faltas os Srs. Martinz de Aguiar, Sousa Pinto, J. W. Ribeiro Ramos e Carlos Studart Filho.

Lida a acta da sessão anterior, foi approvada sem impugnação.

Não havendo expediente em mesa, passou-se á ordem do dia.

Com a palavra o Sr. Hugo Victor, refere-se ao facto de se achar presentemente reunida, no Rio de Janeiro, uma commissão de revisão dos textos geographicos e historicos do Brasil, do qual é presidente o eminente Sr. Dr. Affonso de E. Taunay, socio correspondente do Instituto. E' de opinião que tratando-se de um assumpto que interessa ao Gremio, provocasse o Instituto a aludida commissão sobre o auxllio que, porventura, pudesse prestar para o bom exito dos fins que congrega referida commissão.

O alvitre do Sr. Hugo Victor, considerado objeto de consideração, foi largamente discutido, resolvendo, por fim, o Instituto dirigir-se á commissão indicada nos termos do requerimento evidenciado.

O Sr. Soares Bulcão, com a palavra, leva ao conhecimento da casa o resultado da primeira sessão preparatoria realizada no «Salão Juvenal Galeno» para tratar-se do proximo centenario do nascimento do sempre lembrado poeta cearense Juvenal Galeno, que pertencera ao quadro dos socios effectivos, depois honorario, do Instituto. Affirma que na commissão nomeada para tratar desse centenario, o Instituto não fôra esquecido, passando a fazer parte da mesma na pessoa do 1.º Secretario, Dr. Eusebio de Sousa.

O Sr. Barão de Studart, referindo-se ao caso, applaude, sem reservas, a attitude daquellas pessoas que se lembraram da commemoração de tão grata efemeride do maior poeta cearense, com a affirmativa de que o Instituto do Ceará seria inteiramente solidario com as projectadas manifestações, ratificando a indicação de seu digno consocio Dr. Eusebio de Sousa para membro da respectiva commissão central, como legitimo representante do Instituto do Ceará.

O Sr. Andrade Furtado allude ao recente 90.º anniversario do eminente brasileiro Dr. Ramiz Galvão, festivamente commemorado no Rio de Janeiro pelas sociedades culturais, inclusive a Academia de Letras da qual é um dos seus expoentes. Pensa que o Instituto, do qual o Sr. Ramiz Galvão faz parte, como socio correspondente, não deve ficar indifferente ao significativo acontecimento, requerendo então fosse, pelo mesmo, endereçado um telegramma de congratulações e de adhesão ás solennidades levadas a effeito.

O requerimento do Sr. Andrade Furtado foi approved pela unanimidade dos socios presentes.

### *Sessão de 6 de Julho :*

Presença dos socios effectivos Srs. Barão de Studart, Eusebio de Sousa, Pompeu Sobrinho, Soares Bulcão, Martinz de Aguiar, Andrade Furtado, Alba Valdez, Hugo Victor, Clodoaldo Pinto e J. W. Ribeiro Ramos, tendo justificado a sua falta o Sr. Djacir Menezes.

A acta da sessão anterior foi approveda com uma corrigenda de haver sido o Sr. Hugo Victor quem levára ao conhecimento da casa a noticia das projectadas manifestações com que se pretende commemorar, em setembro proximo, nesta capital, a passagem do primeiro centenario de nascimento do sempre lembrado poeta cearense e ex-socio do Instituto, Juvenal Galeno, e não como fôra redigida.

Lido o expediente em mesa, passa-se á ordem do dia.

O Sr. Barão de Studart declara haver o Instituto recebido um officio da Sociedade de Cultura Artistica de Fortaleza, sobre a grande commemoração com que solenizará a passagem do primeiro centenario do excelso musicista Carlos Gomes. O Instituto, em sessão anterior, de accordo com o requerimento do Sr. Hugo Victor, já havia resolvido associar-se aos patrioticos festejos, para tanto, delegando poderes a uma commissão da qual é orador o mesmo Dr. Hugo Victor. Todavia, com o appello da Sociedade de Cultura Artistica, que acabava de ser lido e ouvido pelos seus consocios, o Instituto emprestaria ás solennidades do dia 11 o seu inteiro apoio, contribuindo, deste modo, embora minima parcella, para o seu maior brilhantismo.

O Sr. Soares Bulcão faz referencias ao recente artigo publicado no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, pelo eminente historiador Dr. Affonso de L. Taunay e intitulado «Cousas do Ceará», para o qual chama a attenção dos seus confrades e pedia a sua transcripção nas paginas da Revista do anno, por ser as-

sumpto de comprovado interesse para a nossa historia regional, o que foi approvedo.

O Sr. Eusebio de Sousa leva ao conhecimento do Instituto o facto, de alta significação social, e que diz respeito á illustre pessoa de um dos mais dignos membros da classe dos correspondentes estrangeiros, o revdm. padre Serafim Leite, residente em Lisbôa, o qual, em recente concurso historico levado a effeito na capital de S. Paulo, competindo com 15 concurrentes, obtivera o primeiro lugar, com importante monografia—«Os Jesuitas na vida de S. Paulo «Seculo XVI». Requeria fosse lançado, em ata, um voto de congratulações pelo triumpho alcançado pelo seu illustrado confrade, o que foi unanimemente approvedo.

O padre Serafim Leite—adeantou o Sr. Eusebio de Sousa —conquistando o primeiro lugar no disputado concurso, não só recebeu, como premio, a quantia de 5 contos de reis, como ainda terá a sua «Memoria» publicada na «Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo» com uma tiragem de especial de 1.000 exemplares, 200 dos quais para o autor.

O Sr. Barão de Studart lembra á commissão executiva incumbida do programma com que o Instituto celebrará em Março proximo e cincoentenario de fundação, no sentido de tomar as providencias que estavam sendo reclamadas para o bom exito desse mesmo programma, prosseguindo com os seus trabalhos, sem desfalecimento, aliás já tão bem iniciados.

Allude, a seguir, ao proximo tomo da Revista referente ao anno corrente, o qual deve entrar para o prelo, quanto antes, de modo a ser editado por todo o mez de Agosto seguinte, pois, aproximando-se o cincoentenario do Instituto outros trabalhos devem ser entregues á officina tipografica, ainda em dias deste anno, inclusive o numero especial da Revista dedicado ao aludido cincoentenario. Pedia aos seus consocios, enviassem, sem mais tardança, á commissão da referida Revista, os trabalhos que, porventura, tivessem para a mesma, isto é, a do anno vigente.

O Sr. Eusebio de Sousa, justifica uma proposta para socio correspondente do Instituto, do capitão Severino Sombra, ora residente no Rio de Janeiro, o qual além do seu merito intellectual reconhecido pelos seus pares, acabava de apresentar ao 1.º Congresso de Numismatica Brasileira, reunido na capital de S. Paulo, opulenta monografia intitulada—«Historia da Moeda Colonial no Brasil», trabalho que lhe grangeou os mais francos elogios da douta Assembléa ali reunida. O requerimento do Sr. Eusebio de Sousa foi approvedo unanimemente, sendo então o capitão Severino Sombra proclamado socio correspondente do Instituto.

### *Sessão de 20 de Julho :*

Presença dos socios effectivos, drs. Barão de Studart, Eusebio de Sousa, Carlos Studart Filho, Soares Bulcão, Martinz de Aguiar, Sousa Pinto, Andrade Furtado, Alba Valdez, Hugo Victor, Clodoaldo Pinto e Abner de Vasconcellos.

Lida a acta da sessão anterior, foi approvada sem impugnação.

Após a leitura do expediente em mesa, passou-se á ordem do dia.

Com a palavra o sr. Hugo Victor, dá conhecimento á casa do resultado dos festejos celebrados nesta capital por ocasião da passagem do primeiro centenario do nascimento de Carlos Gomes, entrando em considerações sobre a parte que coube ao Instituto na atuação que tivera na sessão levada a effeito, a 12 do corrente, no Theatro José de Alencar.

O sr. Barão de Studart, ante a exposição do Sr. Hugo Victor, tem palavras de elogio para a commissão do Instituto que, a contendo, deu cabal desempenho á sua missão, principalmente o seu digno confrade Hugo Victor, que, como orador, segundo estava seguramente informado, produzira bellissima oração, mais uma vez reaffirmado o seu incontestavel merito intellectual.

O Sr. Carlos Studart Filho, pede explicações sobre as contramarchas que têm havido no seio da commissão executiva encarregada do programa das solenidades com que o Instituto commemorará a passagem do cincoentenario de sua fundação, em março do anno proximo.

O sr. Clodoaldo Pinto, como um dos membros da aludida commissão, dá as explicações necessarias com á affirmativa de que os trabalhos iam em bom caminho para a sua perfeita execução.

O Sr. Eusebio de Sousa, cientifica aos membros da commissão encarregada da reedição do «Diccionario Bio-Bibliografico do Sr. Barão de Studart, que, em seu poder, já se encontram innumerous questionarios respondidos, principalmente parte dos que foram distribuidos, no Rio de Janeiro, por intermedio do socio correspondente general Luiz Sombra.

Taes questionarios ficam á disposição dos alludidos membros.

O Sr. Barão de Studart mais uma vez, encarece, aos seus consocios, a entrega, á respectiva commissão, dos originaes destinados ao tomo da Revista correspondente ao anno corrente, pela necessidade inadiavel de, quanto antes, referida publicação entrar para o prelo.

Tal tomo, reaffirma, deve ser editado o mais tardar até fim de Agosto para não prejudicar as demais publicações destinadas ao cincoentenario do Instituto.

---

### *Sessão de 5 de Agosto :*

Presença dos senhores socios effectivos Barão de Studart, desembargador Alvaro de Alencar, Eusebio de Sousa, Pompeu Sobrinho, Martinz de Aguiar, Andrade Furtado, Abner de Vasconcellos, Alba Valdez e Clodoaldo Pinto. Foram justificadas as faltas dos srs. Soares Bulcão e Hugo Victor.

## XVIII REVISTA DO INSTITUTO DO CEARA'

Approvada a ata da sessão anterior e lido o expediente em mês, passou-se á ordem do dia.

Com a palavra o Sr. Eusebio de Sousa, apresentou ao Instituto o trabalho que fôra entregue á Secretaria para o encaminhamento devido, elaborado pelo Sr. Clodoaldo Pinto e referente á projetada commemoração do cincoentenario do Instituto em Março de 1937, com a affirmativa de que o mesmo se encontrava em vias de preparação para opportunamente seguir os seus tramites legais.

O Sr. Barão de Studart louva o esforço empregado pelo Sr. Clodoaldo Pinto para chegar á conclusão do dito trabalho, determinando fosse consignado, em ata, o agradecimento do Instituto ao digno confrade que, a contento, se desincumbira da missão que lhe fôra comettida.

O Sr. Andrade Furtado, declara que, na qualidade de thesoureiro, ultimamente empossado, recebera da mão do ex-thesoureiro, Sr. Antonio Teodorico da Costa, toda a documentação em poder deste, bem como os comprovantes de sua gestão, os quaes estavam de perfeito accordo com a «receita» e «despeza» do Instituto durante o periodo em que o seu confrade Sr. Teodorico exercera esse cargo.

Os papeis e documentos passaram ás mãos do 1º. secretario, que os fará arquivar.

Ante a exposição discriminadamente feita, o Instituto julga boas as contas prestadas pelo aludido ex-thesoureiro, louvando e agradecendo, por fim—a requerimento do sr. Andrade Furtado—os serviços por ele prestados durante os longos annos em que serviu no dito cargo.

Do ex-thesoureiro—adeanta o sr. Andrade Furtado—recebera uma caderneta do Banco Frota Gentil com um deposito de Rs.—10:867\$100; uma dita do Credito Popular, de Rs—5:260\$000 e mais a importancia, em dinheiro de Rs—648\$000, perfazendo um total de Rs—16:775\$100.

O Sr. Barão de Studart, por ultimo, lembra aos seus confrades a conveniencia de serem recommçadas as palestras quinzenais sobre themes da predileção de cada um, as quaes, de um certo tempo a esta parte, vinham soffrendo solução de continuidade.

Contava que, na proxima sessão, taes palestras tivessem inicio, não designando orador para ella, o que ficava á vontade de quem quer que desejasse falar sobre assumpto que, porventura, tambem entendesse.

---

### *Sessão de 20 de Agosto:*

Presença dos socios effectivos, Srs. Barão de Studart, Eusebio de Sousa, Pompeu Sobrinho, Carlos Studart Filho, Sousa Pinto, Andrade Furtado, Alba Valdez, Clodoaldo Pinto e J. V. Ribeiro Ramos. Foram justificadas as faltas dos Srs. desembargador Alvaro de Alencar, Martinz de Aguiar e Hugo Victor.

Lida e aprovada a ata da sessão anterior e não havendo expediente em mesa, passa-se á ordem do dia.

O Sr. Barão de Studart, com a palavra, refere-se ao ultimo livro recentemente editado pelo padre Antonio Ciriaco Fernandes S. J., intitulado «Missionarios Jesuitas no Brasil no tempo de Pombal», cuja leitura lhe havia deixado a melhor impressão como valioso trabalho da historia Jesuitica no Brasil, principalmente na parte que se occupa do Ceará na qual o seu illustrado autor se detem com larguesa de conhecimentos, apresentando farta documentação.

O Sr. Barão de Studart chama a attenção de seus pares para essa importante obra que deve ser lida e observada por aquelles que se dedicam ao estudo de cousas do passado.

Ainda o Sr. Barão de Studart alude á proxima commemoção do primeiro centenario do nascimento do bardo cearense Juvenal Galeno, um dos fundadores do Instituto do Ceará e posteriormente seu socio honorario, salientando o dever que assiste ao mesmo Instituto de co-participar das solennidades que se projetam para o dia 27 de setembro entrante.

O Instituto teria a sua representação nestas festas centenarias pelo órgão de seu digno consocio Dr. J. W. Ribeiro Ramos, a quem delegava poderes.

A sra. Alba Valdez dá conta ao Instituto da incumbencia que lhe fôra cometida, como membro da commissão revisora da reedição do «Diccionario Bio-Bibliographico», do Sr. Barão de Studart, com a affirmativa de que a parte que lhe coube já se encontra acabada, aguardando apenas o pronunciamento da commissão geral, encarregada de tal reedição.

O Sr. Pompeu Sobrinho faz entrega á commissão da Revista do original de seu trabalho sobre um vocabulario indigena, conforme notas que, ha tempos, lhe havia feito entrega o saudoso consocio José Carvalho.

Em torno desse assumpto o Sr. Pompeu Sobrinho borda interessantes comentarios com os profundos conhecimentos que possui do mesmo.

---

### *Sessão de 5 de Setembro :*

Presença dos socios effectivos Barão de Studart, Pompeu Sobrinho, Soares Bulcão, Sousa Pinto, Abner de Vasconcelos e Clodoaldo Pinto.

Justificaram suas ausencias os socios—Eusebio de Sousa, Martiz de Aguiar, Djacir de Menezes, Ribeiro Ramos, Alba Valdez e Alvaro de Alencar.

Havendo faltado os secretarios do Instituto, o Sr. Presidente convidou a o consocio Clodoaldo Pinto, para secretariar a sessão.

Foi em seguida lido o expediente, que constou de uma lista de publicações enviadas ao Instituto.

O consocio Pompeu communicou ao Instituto sua proxima viagem ao Rio de Janeiro e offereceu seus prestimos durante sua estada naquella cidade.

---

*Sessão de 20 de Setembro :*

Presença dos socios effectivos Barão de Studart, Carlos Studart Filho, Sousa Pinto, Alba Valdez, Martinz de Aguiar, Djacir de Menezes, Soares Bulcão e Abner de Vasconcellos. Foram justificadas as faltas, por motivo justos, dos Srs. Eusebio de Sousa, Andrade Furtado e J. Waldo Ribeiro Ramos.

A acta da sessão anterior foi approvada sem impugnação.

Passando-se á ordem do dia, o Sr. Barão de Studart refere-se á proxima commemoração do centenario do nascimento do falecido poeta cearense Juvenal Galeno, antigo socio fundador do Instituto e seu socio honorario. O Instituto, conforme tivera deliberado em sessão anterior, resolvera associar-se ás importantes solennidades que se levariam a effeito no dia 27 do corrente, esperando que todos os seus consocios comparecessem ás mesmas, dando testemunho publico e solenne de sua grande admiração ao inesquecivel cearense.

Ainda o Sr. Barão de Studart referiu-se ao convite que recebera da commissão encarregada de promover a solennização da passagem do cincocentenario da abolição da escravatura em Mossoró (Rio Grande do Norte) para que o Instituto tomasse parte nos festejos commemorativos daquella aurea data. Posto em discussão o assumpto e tendo a assembléa deliberado aceitar o convite, o Sr. Barão de Studart convidou os Srs. Sousa Pinto e Clodoaldo Pinto para serem representantes do Instituto na aludida solennidade.

Usando da palavra o Sr. desembargador Abner de Vasconcellos discorreu longamente sôbre a vida e trabalhos do desembargador José Joaquim Domingues Carneiro, cearense que por mais de (20) vinte annos fôra presidente do Tribunal da Relação do Estado, e propoz se consignasse em acta um voto de solidariedade do Instituto ás festividades que, no Estado, se realizariam pela passagem do centenario de seu nascimento, occorrido a 20 de setembro de 1836. A proposta foi unanimemente aceita pelos presentes.

---

*Sessão de 5 de Outubro :*

Presença dos socios effectivos, Srs. Barão de Studart, Eusebio de Sousa, Carlos Studart Filho, Soares Bulcão, Martinz de Aguiar, Andrade Furtado, Djacir de Menezes, Alba Valdez e Clodoaldo Pinto.

Approvada a acta da sessão anterior e lido o expediente em mesa, passou-se á ordem do dia.

O Sr. Clodoaldo Pinto dá conta da incumbencia que lhe

fôra cometida conjuntamente com o Sousa Pinto, como representantes do Instituto do Ceará nas festas cincoentenarias da libertação dos escravos na cidade de Mossoró (Rio Grande do Norte) ali realizadas no dia 30 de Setembro recem-findo. Diz da impo-nencia de alludidas solennidades e do modo correcto por que foi acolhida a commissão do Instituto, salientando-se dentre os mos-soroenses incumbidos dos festejos o illustre dr. Raul Caldas, que cumulou a sua pessoa e a de seu companheiro Dr. Sousa Pinto, de inequivocas provas de aprêço.

O Sr. Presidente, após o relato feito pelo Sr. Clodoaldo Pinto, disse da satisfação que experimentava, mandando que se consignasse, em acta, a gratidão da casa aos dignos filhos da terra mossoroense pela maneira cortez por que acolhera a embai-xada do Instituto do Ceará, junto às brilhantissimas festas re-dencionistas de 30 de Setembro ultimo.

O Sr. Djacir de Menezes justifica a publicação, na Revista do anno, do importante trabalho «Tése do Concurso para profes-sor da Faculdade de Direito do Ceará», de autoria do fallecido consocio dr. José Sombra. Requer fosse tirada dessa publicação uma separata para a sua maior divulgação, justa homenagem pósthuma que o Instituto prestaria ao seu inolvidavel e jamais esquecido membro.

O requerimento do Sr. Djacir de Menezes é approvedo.

O Sr. Barão de Studart refere-se às festas levadas a ef-feito, em Fortaleza, na semana ultima, por occasião da passa-gem do 1.º centenario de nascimento do poeta cearense Juve-nal Galeno, um dos fundadores do Instituto do Ceará. Lamenta não estar presente á sessão o seu digno consocio Dr. J. W. Ri-beiro Ramos, cuja delegação lhe fôra confiada.

A elle caberia fazer a opposição das referidas solennida-des. Todavia, em nome do Instituto, sentia-se satisfeito em tes-temunhar o brilhante resultado das justas homenagens que fo-ram tributadas pelo Ceará, ao seu grande filho, determinando se consignasse, em acta, um voto de pleno regosijo por êsse ma-ximo acontecimento.

Ainda o Sr. Barão de Studart, com a palavra, refere-se ao recente falecimento, no Rio de Janeiro, do General Luiz Sombra, um dos mais esforçados membros do Instituto, da classe dos cor-respondentes. Determina se lance, em acta, um voto de pro-fundo pesar, justa homenagem do Instituto ao seu grande amigo e antigo consocio.

O Sr. Eusebio de Sousa faz entrega ao Instituto do origi-nal do trabalho—«Meio seculo de existencia» abrangendo um his-torico da vida do Instituto do Ceará—dos seus dias de installa-ção aos atuais, o qual deverá ser editado por occasião da passa-gem do cincoentenario do sodalicio, em Março proximo. Referi-do trabalho condensa um in-folio de cêrca de 400 paginas dátilo-grafadas, dividido em em 3 partes: na primeira—fazendo um re-sumo historico do Instituto; na segunda estudando a individuali-dade literaria dos socios effectivos, desde os fundadores aos atuaes; na terceira—comprehendendo o registro das principaes efemeri-des sociais do antigo gremio de letras historicas. Como anexo, figuram no alludido trabalho: o cadastro social do Instituto; re-

lação dos socios fallecidos; sociedades culturaes—nacionaes e estrangeiras—que mantêm intercambio com o Instituto; e Estatutos Sociais.

O Sr. Eusebio de Sousa é autorizado pelo Instituto a entrar em negociações com as casas editoras para a publicação do trabalho em aprêço.

---

*Sessão de 20 de Outubro :*

Presentes os socios effectivos Srs. Barão de Studart, Eusebio de Sousa, Carlos Studart Filho, Martinz de Aguiar, Andrade Furtado, Sousa Pinto, Alba Valdez, Desembargador Abner de Vasconcellos, J. W. Ribeiro Ramos e Clodoaldo Pinto.

Approvada a acta da sessão anterior e lido o expediente em mesa, passou-se á ordem do dia.

O Sr. Ribeiro Ramos diz haver dado cabal desempenho á commissão que lhe fôra confiada pelo Instituto, como seu delegado junto ás solennidades levadas a effeito, nesta capital, por occasião da passagem do 1.º centenario de nascimento do poeta cearense Juvenal Galeno. Na qualidade de orador designado pelo Instituto, produzira o seu discurso, de certo já conhecido de todos os seus consocios, pois fôra editado na respectiva integra, pela «Gazeta de Noticias». Deste modo, julgava-se plenamente satisfeito por haver cumprido a missão que lhe coubera.

O Sr. Andrade Furtado fala sobre as merecidas homenagens que o Ceará prepara para solennizar a passagem do jubileu episcopal do Exmo. Sr. D. Manoel da Silva Gomes. E' de opinião que o Instituto deve associar-se a taes solennidades, pedindo então que a casa se pronuncie a respeito. Pelo consenso unanime dos presentes. o Instituto resolve adherir ás manifestações em apreço.

A requerimento do Sousa Pinto, o Sr. Presidente designa o Sr. Andrade Furtado, Alba Valdez e Sousa Pinto para comporem a commissão que deverá participar das solemnidades evidenciadas.

O Sr. Martinz de Aguiar diz haver recebido, do Rio de Janeiro, a communicação de que o Governo Federal havia ordenado o pagamento da primeira prestação do auxilio annual destinado ao Instituto, cuja importancia já se encontrava na Delegacia Fiscal, neste Estado, á disposição do Instituto, que deveria tratar do respectivo recebimento.

O Sr. desembargador Abner de Vasconcellos diz ausentar-se do Instituto pelo tempo de dois mezes, em vista do proximo embarque para o Rio de Janeiro, a 25 do corrente. Aguardava alli as prezadas ordens de seus pares.

O Sr. Presidente lamenta a ausencia do prestimoso e illustra consocio, fazendo-lhe votos de boa viagem e feliz regresso.

O Sr. Sousa Pinto communica ao Instituto o recente fallecimento, no vizinho Estado do Piauhy, do digno progenitor do

consocio Dr. Hugo Victor. Requer fosse lançada, em acta, um voto de profundo pezar, o que é approvedo pela unanimidade da casa.

O Sr. Barão de Studart diz, que na qualidade de presidente, havia officiado ao exmo. Sr. Dr. Menezes Pimentel, governador do Estado, sobre as projectadas commemorações do cincoentenario do Instituto, a 3 de março proximo, pedindo o apoio do Governo, de modo a ser posto em pratica o programma que o Instituto tem organizado. Succede, porém, ter vindo ao seu conhecimento que, presentemente, referido officio se encontrava na Secretaria do Interior e da Justiça, aguardando certos esclarecimentos. Cabia, pois, á commissão central das futuras solemnidades ministrar taes informes, isso, porém, com a maior brevidade, de modo a não ser entravada a marcha dos papeis, em virtude de urgente solução que as mesmas estavam reclamando.

Muita gente—adeantou o Sr. Barão de Studart—está anciosa por saber qual o programma das solennidades com que o Instituto celebrará o seu «cincoentenario», mas era justo que se não tornasse publico, por emquanto, pois a sua maior ou menor efficiencia estava dependendo do auxilio do Governo, aliás já promettido pelo exmo. Sr. Dr. Governador do Estado. Sem a mão forte dos poderes publicos, é uma coisa sabida de todos os seus consocios, nada poderia fazer o Instituto, dadas as suas precarias condições financeiras.

O Sr. Eusebio de Sousa diz que, cumprindo a determinação do Instituto, já entrara em entendimento com a «Tipographia Minerva», do Sr. Assis Bezerra, a respeito da edição do trabalho «Meio seculo de existencia», publicação official do Instituto que deverá circular em Março proximo.

Por ultimo, o Sr. J. W. Ribeiro Ramos, com vivos applausos de seus consocios, leu o substancioso trabalho de sua autoria—«Do Espirito da Penalogia Moderna».

### *Sessão de 20 de Novembro :*

Presentes os socios effectivos Srs. Barão de Studart, Eusebio de Sousa, Martinz de Aguiar, Soares Bulcão, Sousa Pinto, Alba Valdez, Djacir de Menezes, Pompeu Sobrinho, Clodoaldo Pinto e J. W. Ribeiro Ramos.

Lida a acta da sessão anterior, foi approveda sem impugnação.

Lido o expediente em mesa, constou este de um officio do Instituto Geographico e Historico do Rio Grande do Sul, convidando o Instituto para se fazer representar no 2.º Congresso Regional de Historia a reunir-se na cidade do Rio Grande, em Fevereiro do anno proximo.

O Sr. Presidente, com a palavra, enalteceu o valor historico desse certamen, ao qual deveria o Instituto comparecer em

atenção ao convite feito pelo seu congenero do Rio Grande do Sul. Para isso delegava poderes aos seus consocios Sousa Doca, correspondente do Instituto no Rio Grande do Sul e Dr. Djacir de Menezes, para essa representação.

Passando-se á ordem do dia, a Sra. Alba Valdez diz que, com o seu consocio Sousa Pinto, havia dado desempenho á missão que lhes foi confiada para representar o Instituto por ocasião do Jubileu Episcopal do Exmo. Sr. D. Manoel da Silva Gomes, Arcebispo Metropolitano.



# TABOADA

---

---

	PAGS.
<i>Meio seculo!</i> . . . . .	5
<i>Contribuição á Psychologia da Sociedade colonial</i> , Djacir Menezes . . . . .	7
<i>Vias de Communicação do Ceará Colonial</i> , Carlos Studart Filho . . . . .	15
<i>Baturité (subsídio geografico, historico e estatístico)</i> , Pedro Catão . . . . .	49
<i>Liberdade de Cathedra</i> , Andrade Furtado . . . . .	101
<i>Povoamento do Nordeste Brasileiro</i> , Th. Pompeu Sobrinho . . . . .	107
<i>Etiologia physiographica das seccas—Summa meteorica</i> , Alvaro Fernandes . . . . .	163
<i>Divisão Territorial Uniforme</i> , Clodoaldo Pinto . . . . .	167
<i>Placido de Castro</i> , Soares Bulcão . . . . .	185
<i>O Ceará e seus limites</i> , João Baptista Perdigão de Oliveira . . . . .	201
<i>O crime de latrocínio na Organização Judiciaria do Estado</i> , Abner C. L. de Vasconcellos . . . . .	247
<i>Do espirito da penalogia moderna</i> , J. W. Ribeiro Ramos . . . . .	257
<i>Fonética do Português do Ceará</i> , Martinz de Aguiar . . . . .	271
<i>Paginas Ineditas da Historia Colonial—Primitivo Commercio Maritimo do Ceará</i> , Carlos Studart Filho . . . . .	309
<i>Adivinhos</i> , João Nogueira . . . . .	315
<i>O Homem do Nordeste</i> , Th. Pompeu Sobrinho . . . . .	321
<i>O Quinquagenario do Instituto</i> , Barão de	

Studart, Andrade Furtado, Florival Se-  
raine, Des. Alvaro de Alencar, Des. Abner  
C. L. de Vasconcellos, Alba Valdez, Pe.  
Misael Gomes, Hugo Victor, Djacir Me-  
neses e Dario Correia Lima . . . . .

389

*Notas e Transcripções* . . . . .

461

*Actas das sessões realizadas no anno de  
1936* . . . . .

I

